

# **CÊNIUS**

## **ORIGEM**



**VICTOR SCOFIELD**



Victor Scofield

# Gênus

Origem



Passo Fundo  
2011



Victor Scofield

**Gênios**

Origem

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Romance, Ficção. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2011. 136p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Não Adaptada.**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa: Victor Scofield

Revisado pelo Autor em: 02/08/2011

S421g Scofield, Victor

Gênio [recurso eletrônico] : origem / Victor Scofield. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-16-5

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção científica. I.

Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

CAPITULO I.....	9
CAPITULO II.....	13
CAPITULO III.....	19
CAPITULO IV .....	25
CAPITULO V .....	31
CAPITULO VI .....	46
CAPITULO VII .....	55
CAPITULO VIII .....	65
CAPITULO IX .....	71
CAPITULO X.....	79
CAPITULO XI .....	91
CAPITULO XII .....	105
CAPITULO XIV .....	123
CAPITULO XVI .....	139
CAPITULO XVII .....	147
FINAL EXTRA .....	155





## CAPITULO I

Era uma madrugada gelada, estava dois graus abaixo de zero na base militar ao norte no Canadá em Victory City. Sentinelas atentos patrulhavam todo perímetro da base e era um silêncio que congelava até a alma. A quinhentos metros ao sul da base, Eric Bruce um atirador de elite treinado no fort Portland nos Estados Unidos, se misturava entre a paisagem numa camuflagem perfeita para um espreitador. Tinha ele como uma missão dar cabo a um tenente coronel que estava envolvido em uma pesquisa científica, aonde toda cidade de Victory City, sofreria um dano irreparável. E como Eric não tinha acesso às autoridades, inclusive as da base, só ele podia impedir essa catástrofe em grande escala. O horário previsto da chegada do coronel era 05h30min em ponto. Era 05h27min, o que significava que em 3 minutos, Victory City estaria nas mãos de Eric, era tudo ou nada. Ajustando a mira de seu rifle Eric se preparou para o grande momento. Bem na hora, o coronel chegou com seu Cadillac azul. Ele desce do carro e Eric se prepara para puxar o gatilho, está na mira é só atirar. Então no momento crucial ele ouviu:

— Acorda! Acorda! Eric acorda!

Com um susto Eric acordou desorientado. Ele percebera, estava sonhando. Tudo não passou de um simples sonho. Esfregando os olhos ele ouviu sua mãe falar:

— Filho levanta, não é hoje a excursão da escola?

— Ah! É verdade, vou me arrumar.

Graças a sua mãe Eric lembrara, o grande dia da excursão chegou, o dia em que ele iria conhecer uma hidrelétrica de verdade. Ele já tinha visto muitas vezes em livros, televisão, mas nunca tinha ido ver uma de verdade, e hoje era aquele dia. Eric Bruce tinha 16 anos, era um garoto alto para sua idade, um metro e setenta, com porte de boa aparência, e era inteligente o suficiente para tirar nota na média no colégio. E nunca

arrumava seu quarto.

Ele viu que não tinha tempo a perder, se arrumou em menos de vinte minutos, e desceu correndo pelas escadas com a alegria daquele dia ter finalmente chegado. O café estava servido, sua mãe olhou para ele afetuosamente e disse:

— Alimente-se bem meu filho, que o dia para você será longo! E não vá se atrasar para chegar na escola, se não perderá o ônibus da excursão, o dinheiro da passagem e do lanche estão na sua mochila.

— Está certo mãe não me atrasarei, sairei daqui 5 minutos.

— Eric fez uma pausa e acrescentou:

— Sabe estou com um pressentimento de que algo muito estranho vai acontecer hoje, curioso né?

— Não diga uma coisa dessas meu filho, eu hein credo.

— Ta! Eu tenho que ir.

Eric despediu-se de sua mãe e foi caminhando até escola, pois não era muito longe de sua casa. Ao chegar na escola, Eric encontrou com seu amigo Jorge Gibson. Era um garoto bem arrumado, um metro e sessenta, com manias de garoto rico que faria qualquer coisa por dinheiro, mas que na verdade não tinha nada de rico. E vivia tentando tirar proveito das coisas. Com tom animador disse a Eric:

— E ai Eric, hoje é o grande dia, hein amigão?

— Pode apostar que sim Jorge!

— É, dá para ver só pela sua cara que você está muito animado, hehe!

— Com certeza! Não vejo a hora de partimos para lá.

— Pois eu também, sempre quis conhecer uma

hidrelétrica.

— Então somos dois, amigão!

— É!

O ônibus estava pronto para partir, e todos subiram a bordo. Eric e Jorge sentaram juntos no meio do ônibus, e discutiram muito sobre o assunto. Estavam animados, aquele realmente seria um dia especial. Tudo estava correndo bem, até Marcos Tonson interromper:

— E ai seus manés? Como vai a síndrome do nerdismo de vocês? Haha...!

Marcos Tonson era um garoto alto, de modos grossos e de natureza lamentável, tinha 18 anos, e reprovou três vezes a oitava série. Tinha um porte físico forte e saudável. E vivia se interpondo na vida de Eric e Jorge no colégio. Com tom de provocação Marcos disse:

— Espero que vocês levem um choque, e pra variar bem no traseiro! Haha...!

Mas com voz ativa, Juliana revidou a fala de Marcos:

— Cala boca Marcos, por que não vai procurar o que fazer e deixar os meninos em paz? – Com tom de sarcasmo concluiu: — Ou será que vou ter que chamar a professora, para trocar a sua fralda?

Eric e Jorge se derramaram em risos. E Marcos sem graça, ameaçou:

— Isso não vai ficar assim! – e com tom de fúria concluiu: — Vocês vão se ver comigo, seus manés! – e saiu em direção a sua poltrona.

Eric agradecido disse a Juliana:

— Valeu Juliana, você foi demais! – terminou em risos.

— Ah! Que nada Eric, vocês são meus melhores amigos.

Juliana era uma menina bonita, atraente, muito inteligente e simpática. E gostava de uma boa briga. Disse num tom animador:

— Pelo visto estão bem animados com essa excursão hein? – terminando com um sorriso convidativo.

— Estamos sim, hoje eu sinto que vai ser um dia especial. – concluiu Eric animado.

— Só espero que a professora Melina não venha falar demais nessa excursão. – disse Jorge desanimado.

— Que nada Jorge! – disse Eric o reanimando – Hoje eu sinto que vai ser um dia inesquecível.

## CAPITULO II

A professora Melina, era uma mulher baixa, nervosa, mas boa de coração, tinha um rosto levemente enrugado, idade de 52 anos, e procurava sempre uma desculpa para colocar alguém de castigo. Estava sempre observando os alunos, esperando que alguém fizesse xixi fora do pinico, figurativamente. Disciplina ao máximo era o seu lema. A diretoria inteira tinha um grande respeito por essa mulher. E como de costume ela e seus avisos ameaçadores, se levantaram da poltrona e falaram:

— Se eu pegar alguém fazendo gracinha nessa excursão podem apostar, eu vou fazer vocês acharem um motivo para dizerem que se arrependem de ter nascido. — E encerrou com um sinal de ameaça.

Jorge com suas teorias malucas sobre a professora Melina disse:

— Eu ainda acho que ela vai complicar muito a nossa vida hoje. Ah é! Não tenho a menor dúvida disso.

Mas Eric não perdendo o ânimo, disse a Jorge:

— Fica frio amigão eu sei que hoje vamos ter um dia maravilhoso!

— Assim eu espero. Porque por mim a professora Melina não precisava nem ter aparecido hoje. – disse Jorge não dando o braço a torcer.

Juliana mais uma vez com seu tom de sarcasmo perguntou a Jorge:

— O filósofo Jorge está inspirado hoje, hein?

Mas Jorge revidou amigavelmente dizendo:

— Ah! Vai ver se estou na esquina, vai Juliana.

Depois de duas horas e meia, o ônibus chegou a recém construída hidrelétrica de Limeira, uma cidade do estado de São Paulo, que passou a

ser privilegiava com essa nova hidrelétrica. Ficava a uma distância de 140 km da grande capital São Paulo. Era um dia ensolarado e com poucas nuvens. E Eric, Jorge e Juliana ao descerem do ônibus ficaram fascinados com a complexa estrutura da nova hidrelétrica. Para eles aquilo com certeza era uma obra de arte. Ao contrário de toda turma, aquele era um momento histórico para os três. E em poucos instantes eles estariam dentro dela. Com sua pose disciplinar, a professora Melina ordenou que todos fizessem uma fila para a chamada de presença. Pois ela sabia que se ela tivesse feito a chamada antes de todos os alunos entrarem no ônibus, alguém que não quisesse estar nessa excursão daria como presença na chamada e simplesmente ter ido embora depois, antes que todos entrassem no ônibus. Com uma voz ativa ela começou:

— Alex...

— Presente!

— Alam...

— Presente!

— Bruna..., Carlos..., Caroline... – e de contínuo ela fazia a chamada.

Depois de ter concluído a chamada, todos se preparavam para entrar na hidrelétrica, e Eric nunca esteve tão empolgado como estava nesse dia, o grande dia. O dia em que ele pisaria dentro de uma hidrelétrica de verdade. Ah Sim! Algo dizia para Eric que esse dia, seria um dia especial. Sem dúvida nenhuma!

Todos faziam fila para entrar na hidrelétrica, quando um homem de estatura mediana, vinha na direção deles. Era um homem magro, de porte atlético e bem arrumado, com um paletó cinza fechado, e uma gravata desenhada com vários tons de cores. Era o diretor da hidrelétrica. Tinha 48 anos de idade, era simpático e fazia qualquer coisa para ser agradável com as

pessoas. Ele parou do lado da professora Melina e cumprimentou a todos dizendo:

— Como vão meus jovens? Estão todos prontos para entrar em uma hidrelétrica de verdade?

Todos tímidos ficaram apenas no silêncio, até a professora Melina dizer com voz ativa:

— Esse é Douglas turma, o diretor da hidrelétrica. Vai nos guiar dentro do complexo, cumprimentem ele.

E todos obedecendo à ordem da professora disseram:

— Olá Sr. Douglas.

— E então, estão prontos para conhecer uma hidrelétrica de verdade?

Todos acenaram afirmando que sim.

— Então vamos lá!

E todos começaram a andar em direção ao complexo. O diretor iniciou explicando tudo sobre a parte de fora do complexo, mostrando a represa e para que servia. Mas nada de novidade para Eric e seus amigos, eles queriam mesmo era entender a parte de dentro. E Jorge animado disse:

— Cara deve ser demais esse lugar por dentro! Não vejo a hora de entrar.

— Eu também amigo, eu também! – encerrou Eric sorrindo.

Marcos ficou a poucos metros dos três planejando uma vingança. Esperando a hora certa de fazer com que eles sofressem vergonha e levassem advertência da professora Melina. Principalmente Eric.

Todos já estavam dentro do complexo ouvindo a explicação do diretor Douglas, e Eric e seus amigos não desviaram sua atenção um minuto sequer da explicação, e muito menos dos detalhes do lugar. Tudo

era fascinante para eles, tudo era novo. Havia maquinários por todos os lados. Não tinham visto nada igual antes. Para eles era como se fosse um quadro, pintado por um artista genial com um pincel gigante. Era uma obra de arte. Passear nos setores daquele lugar é como se fosse passear pelos brinquedos da Disneylândia. E para Eric era como estar dentro de um filme ficção científica. E não tinha coisa melhor para Eric do que filmes de ficção científica. Empolgado Eric disse a seus amigos:

— Esse lugar é maravilhoso! Nunca tinha visto nada igual. Não vejo a hora de nós passarmos pelo setor das turbinas.

Jorge fazendo careta disse:

— E eu não vejo a hora de almoçarmos. Estou começando a ficar com fome, já se passou quase uma hora depois que chegamos aqui. E além disso está quase na hora do almoço.

Juliana sarcástica mais uma vez disse a Jorge em tom de pergunta:

— Sempre com o estômago na frente do cérebro né Jorge?

— É pode ser. Mas o que eu posso fazer? É a natureza!

Eric não dando atenção ao que eles diziam, dava uma olhada melhor no setor. Marcos Tonson ficava observando todos os movimentos de Eric, esperando uma oportunidade de se vingar dele. Mas Eric nem estava percebendo nada, pois estava muito entretido com o ambiente em sua volta.

Era a hora do almoço e todos tinham ido para o refeitório do complexo. Eric e seus amigos discutiam a respeito de tudo o que eles tinham visto. E Jorge com suas manias de rico, comia seu almoço com classe. Pelo menos era o que parecia para Eric e Juliana que não sabiam nada do assunto. Jorge com seu complexo de rico disse:



— Sabe, eu poderia dizer que esse refeitório é uma espelunca, mas a comida daqui não é tão ruim. – encerrando a fala com pose.

E Juliana sarcástica mais uma vez disse:

— Tem um restaurante cinco estrelas ali na esquina Jorge, por que você não vai lá?

Jorge enfurecido respondeu:

— Ah! Vai ver se meu burro está amarrado Juliana, vai!

Eric vendo aquela situação caiu em risos.

Depois que o horário do almoço havia terminado, todos já estavam de volta aos setores da hidrelétrica. E como sempre a professora Melina estava de olho em todos. Esperando que alguém pisasse no tomate figurativamente, e ela pudesse dar uma advertência. E Marcos sabendo disso, esperava pela sua oportunidade de fazer com que Eric e seus amigos fossem humilhados na frente de todos.

Chegando ao setor das turbinas o diretor Douglas falou com tom de muita seriedade:

— Esse local é muito perigoso. Por isso eu quero que todos vocês fiquem sempre atrás de mim. Nós todos ficaremos por questões de segurança cinco metros longe das turbinas, pois se ficarmos mais perto poderemos ser atraídos pelas turbinas e de imediato ser eletrocutados. Então não toquem em nada e façam o que eu mandar, se não a excursão será encerrada imediatamente. Entenderam?

Todos em um só movimento afirmaram que sim. E todos começaram a andar. Marcos com um sorriso teve o seguinte pensamento: *“É só empurrar um deles para perto dessas turbinas e a professora Melina na hora vai puni-los, não tem erro”*.

Mas, Marcos tinha reprovado três vezes a oitava série, e não tinha noção da gravidade do problema se empurrasse um deles para perto das turbinas.

Sendo assim, sem hesitação Marcos empurrou de leve Eric para perto das turbinas. Iniciando uma reação em cadeia, Eric foi atraído por uma das turbinas e começou a ser eletrocutado a uma certa distância delas. Com a ativação do sistema automático de emergência, em uma fração de segundo todas as turbinas foram desligadas jogando com força Eric contra uma parede. Com isso, uma voz computadorizada feminina foi ativada dizendo:

— Código vermelho no setor G. Código vermelho no setor G. Código vermelho no setor G...

Houve correria para todos os lados de funcionários tentando socorrer Eric que estava inconsciente. A professora e os alunos que estavam paralisados não sabiam o que fazer. O diretor desesperado tentava ligar para ambulância. E a hidrelétrica inteira tinha sido paralisada.

## CAPITULO III

Abrindo os olhos lentamente Eric Bruce fez uma análise do lugar em que se encontrava. Ele ouvia sons de aparelhos e se sentia imóvel. Olhando mais um pouco com sua fraca visão ele percebera que estava em um hospital. Do lado de fora de seu quarto ele ouvia vozes dizendo:

— Quanto tempo ele vai ficar na CTI doutor?

Parecia ser a voz de sua mãe, mas ele não tinha certeza. Outra voz respondendo disse:

— No estado que ele está não podemos tirar conclusões precipitadas. Por isso eu peço que a senhora tenha um pouco de paciência. Mas eu lhe digo que ele é um garoto forte e vai sair dessa. Até porque é muito estranho que ele não tenha morrido com esse acidente, e tenha sofrido apenas fraturas nas pernas.

— Graças a Deus doutor! É melhor ouvir isso do que o contrário. Muito obrigada doutor, eu lhe agradeço pelo que está fazendo pelo meu filho.

— Não tem o que agradecer. Esse é o meu trabalho, e tenho prazer em executá-lo. E antes de qualquer coisa. Eu queria dizer que seu filho apresentou sintomas em seu cérebro que eu nunca tinha visto antes.

— Como assim doutor? – disse em tom de desespero.

— Não é nada de grave. Mas é uma coisa curiosa. Parece que a formação do cérebro dele foi alterada. É difícil até de explicar. Mas fora isso não se preocupe seu filho ficará bem.

— Assim espero doutor, assim espero.

Eric não compreendendo o que tinha escutado adormeceu em um sono profundo.

[...]

Cinco meses depois, na sala de aula Jorge e Juliana ainda muito tristes por não ter notícias de Eric, olharam um para o outro desanimados. Era um dia de prova. E todos faziam em um total silêncio. A professora Melina com uma voz calma falou aos alunos:

— Vocês só têm mais quinze minutos de prova pessoal.

Abrindo a porta da sala, entrou um garoto de semblante sério e pensativo que foi em direção a professora Melina com um papel. Entregando o papel a professora, disse calmamente:

— Vim fazer a prova.

E todos com a professora Melina disseram:

— Eric você está de volta! Que bom ver você!

E Eric com um leve sorriso agradeceu a todos:

— Obrigado pessoal. – completando a fala, Eric perguntou a professora: — E então posso fazer a prova?

— Pode sim Eric, mas você terá apenas quinze minutos. Não posso fazer mais do que isso.

— Tudo bem, é o suficiente para mim.

Eric pegou a sua prova e foi em direção a um lugar vazio. Eric sentou-se na cadeira e analisou a prova. Era uma prova de física. Todos olharam para Eric que estava silencioso e pensativo. Eric começou a fazer sua prova. E todos começaram a fazer o mesmo. Cinco minutos depois, Eric se levantou de sua cadeira e foi em direção da professora Melina entregando sua prova. E com olhar de espanto, todos seguiram com os olhos Eric sair da sala. E Jorge e Juliana sem entender voltaram a fazer suas provas

pensativos.

A professora Melina chocada começou ali mesmo no dia da prova corrigir a de Eric. Assombrada, a professora Melina se levantou e saiu da sala com a prova de Eric na mão. Dez minutos depois ela voltou falando para todos:

— Tempo encerrado turma, me entreguem às provas.

E todos rapidamente fizeram o que a professora mandou.

Saindo da sala para irem para o intervalo, Jorge e Juliana começaram a discutir o que havia acontecido na sala há poucos instantes. Jorge com tom de assombro perguntou a Juliana:

— Como é que alguém que ficou sem vir para escola por cinco meses seguidos, e que não viu bulhufas da matéria por tanto tempo, faz uma prova em cinco minutos?

E com uma voz calma, alguém a trás de Jorge respondeu:

— É um fenômeno inexplicável eu sei. Mas não se assustem comigo, pois eu continuo sendo o mesmo. Só estou com um dom a mais.

Jorge sabendo que era Eric se virou dizendo com outra cara de espanto:

— Até sua forma de falar é diferente agora. O que aconteceu com você?

Juliana concordando balançou a cabeça. E Eric respondeu:

— É uma longa história. Digo que até minha própria mãe não me reconheceu. Mas se eu contasse a vocês, não acreditariam. — completando a fala, Eric perguntou: — O que houve com Marcos?

— Ele foi preso depois de ter confessado pra polícia que tinha empurrado você. — respondeu Juliana.

— É lamentável que ele tenha feito aquilo comigo. Mas no fundo tenho pena dele. — disse Eric pensativo.

Jorge e Juliana concordaram

Com um olhar de curiosidade Jorge olhou para o pulso de Eric e perguntou:

— Cara que relógio legal! Onde comprou?

— Não comprei, eu o fiz. – respondeu Eric com um leve sorriso.

— Ta bom, sei! E eu sou o coelhinho da páscoa. Conta outra vai. – disse Jorge com um desdém.

— Estou falando sério. Levei duas semanas para montá-lo. E além do mais ele não é apenas um relógio qualquer. É um relógio com umas funções a mais.

— Sério? E o que ele faz, além de ser um relógio? – perguntou Jorge não acreditando.

— Você vai descobrir. Não se preocupe.

— Depois que você saiu daquele hospital, você ficou muito misterioso.

— Pode ser. Mas é algo que não posso revelar agora.

— Ta! Deixa pra lá. – antes que Jorge encerrasse sua fala ele acrescentou: — Cara me lembrei! Os amigos de Marcos estão atrás de você. E olha, não pareciam ter boas intenções. É melhor ficar esperto.

— Interessante.

— Cara você não ta com medo do que eles possam fazer com você?

— Medo não é uma opção nesse momento meu caro amigo.

— Como assim Eric? Cara você ta muito estranho com essas conversas.

— Sua pergunta será respondida em breve Jorge. – disse Eric desviando o olhar por cima dos ombros de Jorge.

Juliana percebendo o olhar de Eric disse para ele:

— Eric são os amigos de Marcos. É melhor você fugir. Antes que eles peguem você.

Cinco adolescentes vinham em direção de Eric e seus amigos com o punho cerrado, mas Eric não recuou um centímetro de onde estava. Jorge e Juliana recuaram chamando Eric, mas ele não deu a menor atenção a eles. Um dos adolescentes chamado Roger parou na frente de Eric e disse:

— E ai seu mané? Nós vamos acertar as contas com você, pelo Marcos estar na cadeia. – terminando a fala com empurrão fraco no peito de Eric.

A escola inteira tinha parado para ver aquela cena. E Eric ainda silencioso não se moveu de onde estava. Roger enfurecido disse a Eric:

— Nós vamos quebrar você na saída, nos aguarde seu mané. – encerrou a fala fazendo um sinal de ameaça.

— Estarei aguardando. – disse Eric sem recuar

Roger fez outro sinal de ameaça e saiu junto com seus amigos para outro lado. Jorge e Juliana preocupados disseram a Eric:

— Você ficou louco! Eles vão te arrebentar cara.

— É Eric não faça isso. – disse Juliana com tom de preocupação.

E Eric respondeu tranquilamente:

— Não se preocupem comigo, eu ficarei bem.

Depois da aula Eric e seus amigos iam em direção a suas casas, e Eric não estava nem um pouco preocupado com o que podia acontecer. Jorge virando a cabeça para trás, percebeu que os amigos de Marcos os seguiam. Eric percebendo o olhar de Jorge, parou no mesmo instante e

disse aos dois:

— Fiquem aqui!

Jorge e Juliana acompanharam com os olhos Eric voltar e parar a um metro de distância deles, esperando os cinco amigos de Marcos chegar até ele. Roger foi o primeiro a ficar na frente de Eric, e com uma voz de fúria disse a Eric:

— Agora você vai pagar pelo que fez seu mané. – dando em seguida um soco na boca de Eric fazendo o cair no chão.

Os cinco começaram a bater em Eric no chão em desvantagem. Jorge e Juliana olhavam sem poder fazer nada. Mas Eric não gritou um momento sequer. Terminado de bater em Eric, os cinco recuaram. Espantados, Roger e seus amigos olharam para Eric se levantar sem sinais de fraqueza ou dor começando a rir da cara deles que estavam sem entender o que estava acontecendo. Então a imagem física de Eric começou a desaparecer lentamente, e todos espantados continuavam sem entender. Era um holograma de Eric. Surgindo atrás de Roger, Eric empurrou-o para o chão e começou bater nos outros quatro sozinho. Com alguns golpes de Box misturado com Kung-fu, Eric fez Roger e seus amigos correrem de medo. Jorge e Juliana indo ao encontro de Eric fascinados com o que tinham visto, disseram:

— Cara aquilo foi demais! Como fez aquilo?

E Eric com seu semblante sério respondeu ofegante:

— Vamos andando que eu explicarei a vocês.



## CAPITULO IV

Depois do ocorrido Eric conversava com seus amigos enquanto voltavam para casa. Os dois não tinham acreditado no que Eric tinha feito. E Jorge louco para perguntar, perguntou:

— Eric era pra aquilo que o relógio servia? – perguntou pensativo.

— Exato. Eu sabia que os amigos de Marcos viriam atrás de mim. Tinha que achar uma saída. Então eu desenvolvi esse relógio com o intuito de mostrar uma imagem falsa minha e me salvar dos amigos de Marcos.

— Cara eu já vi aquela cena que você fez com os amigos de Marcos em algum lugar. – disse Jorge pensando um pouco e tornando a falar não se lembrando: — Só não consigo lembrar onde foi.

Juliana com tom de arrogância disse:

— Então não fale que viu a cena.

— Mas que eu já vi em algum lugar eu já vi, não tenho dúvida. – disse Jorge se animando.

— Quem sabe um dia você lembre Jorge. – disse Eric com um leve sorriso.

— Mas eu ainda tenho uma dúvida Eric.

— Exponha Jorge.

— Como você conseguiu desenvolver um relógio desse porte de tecnologia, se nem a própria NASA tem?

— Eu só sei que depois que sai daquele hospital, meu raciocínio estava mais rápido. E desde então comecei a compreender melhor as coisas. Vi que minha sabedoria estava maior. E tudo que aprendo, eu aprendo e não esqueço. Com certeza minha mente foi alterada naquele acidente. Mas não quero mais me lembrar disso.

Jorge e Juliana concordaram com Eric na última fala. E os três encerraram o assunto ficando em silêncio no caminho para casa.

[...]

Era cinco da madrugada na grande capital São Paulo, quando um furgão azul marinho estava estacionado na frente do colégio Latércio Montes. O colégio onde Eric e seus amigos estudavam. Com a pouca luminosidade que havia no local, dois homens de roupas escuras e capuz preto saíram do colégio, carregando o furgão atrás com um pequeno caixote. Fechando as portas traseiras do furgão os dois homens entraram no veículo e saíram deixando para trás o portão do colégio arrombado.

[...]

No dia seguinte Eric encontrou com Jorge na frente do colégio com uma cara de pasmado com o que tinha acabado de saber. Eric com seu semblante sério e pensativo perguntou a Jorge:

— O que foi Jorge? O que incidiu aqui?

— Que? Que palavra é essa incidiu? – Perguntou Jorge com uma careta.

— Significa aconteceu.

— Ah! – com uma pausa concluiu: — Sei!

— E então Jorge?

— O colégio foi assaltado ontem à noite. E só levaram uma

coisa.

— E o que foi que levaram?

— Estão dizendo que foi um caixote pequeno que estava na sala da diretoria.

— E o que continha nele?

— Ninguém sabe. Disseram que tinha chegado ontem à tarde pelo correio.

— Interessante. – disse Eric com um ar pensativo.

Eric olhou a frente do colégio e viu que havia um carro da polícia. Logo depois, Eric sentiu Juliana parar ao seu lado perguntando:

— O que houve aqui?

— O colégio foi assaltado. – respondeu Jorge.

— E o que levaram?

Jorge começou a explicar tudo para Juliana, enquanto Eric foi em direção ao colégio. Eric foi à diretoria ver o que estava ocorrendo. Ao chegar à porta da diretoria Eric viu dois homens interrogando a diretora Eliandra. Um dos homens estava fardado, o outro usava um terno amarelo queimado, e estava de costas para Eric. Era um homem alto, de um metro e noventa mais ou menos, e tinha um sotaque russo perfeito. O que estava fardado tinha uma altura comum, com leves rugas no rosto e um bigode bem tratado. Eric parou onde estava e ficou ouvindo a conversa:

— A que horas chegou esse caixote? – perguntou o homem de sotaque russo.

— Era mais ou menos duas horas da tarde. – respondeu a diretora.

— Era grande esse caixote?

— Não, era pequeno.

— Alguém mais que trabalha aqui viu esse caixote?

— Ah! Eu acho que todo mundo nesse colégio deve ter visto.

— Onde deixou o caixote depois que o recebeu?

Apontando com o dedo a diretora mostrou dizendo:

— Bem ali, do lado da mesa.

— E o que havia dentro dele?

— Um computador novo que o colégio encomendou. Para instalar aqui mesmo na diretoria. Pois havia um mais antigo aqui que já não funcionava mais.

Eric com seu novo instinto investigativo perguntou:

— Quantas pessoas possuem a chave desta sala?

O delegado de sotaque russo se virou e olhou para Eric perguntando:

— O que faz aqui garoto? E como se chama?

— Meu nome é Eric Bruce senhor. E eu estou aqui só de passagem. Mas estava tão interessante o assunto que não pude evitar de me intrometer.

— Garoto esse é um assunto da polícia. E aproveite que hoje não haverá aula e vá para casa jogar um vídeo game. E deixe que nós resolvemos esse assunto.

— Desculpe delegado, mas só sairei daqui até ter minha pergunta respondida. Até porque vocês não perceberam que a porta da diretoria foi à única que não foi arrombada. E pelo que eu saiba, a sala da diretoria é trancada depois do horário de aula.

— O garoto tem razão senhor. – disse o policial que estava ao lado do delegado.

— E então? – perguntou Eric com semblante sério.

O delegado pasmado com o que tinha acabado de ver se virou para a diretora e perguntou:

— Tudo bem. Quantas pessoas possuem a chave desta sala?

— Três. – respondeu a diretora também pasmada.

— Quem? – perguntando Eric outra vez.

— Mais que abuso! – disse a diretora com semblante de advertência.

O delegado fazendo sinal para acalmá-la disse:

— Não, espere. Vamos deixar o garoto perguntar. Afinal ele percebeu um fator importante nesse caso.

— Agradeço sua atenção delegado. – disse Eric com o semblante ainda sério.

— Quem são essas três pessoas? – Perguntou Eric.

— Eu, a coordenadora e a secretária. – respondeu a diretora.

— Tem certeza que são só três pessoas diretora? – perguntou Eric pensativo.

— Ah! É verdade. O faxineiro também possui a chave. Afinal ele é o último a ficar no colégio.

— Interessante. – disse Eric sério.

— Tem mais alguma pergunta Eric? – perguntou o delegado impressionado.

— Não. Não tenho mais perguntas. – respondeu Eric deixando a sala.

— Gostei desse garoto. Muito inteligente. – disse o delegado com um leve sorriso.

Saindo do colégio em rumo a sua casa, Eric começou a pensar consigo mesmo: “*Eis algo para se passar o tempo, e usar a sabedoria para o bem*”. Com um leve sorriso no rosto Eric voltava para sua casa pensando no assunto.

## CAPITULO V

Era de noite, quando sentado em sua cama, Eric Bruce pensava consigo mesmo em como iniciar uma investigação sobre o caso do caixote roubado no colégio Latércio Montes. Eric em sua mente pensou: “*Quem de dentro do colégio teria um motivo para roubar um computador?*”. Eric ainda pensativo buscava um meio para um fim. Em sua mente, Eric descartava todas as hipóteses impossíveis. E mais uma vez em sua mente Eric se perguntou: “*Quem teria um motivo para tal ação?*”. Eric sabia que para iniciar sua investigação, ele precisaria fazer mais uma pergunta a diretora Eliandra.

No dia seguinte, Eric ao chegar ao colégio Latércio Montes, foi direto a sala da diretoria verificar se a diretora Eliandra estava lá. Eric ao entrar na sala, viu a diretora Eliandra guardando uma pasta em umas das gavetas do arquivo. Parando aproximadamente um metro de distância da diretora com seu semblante sério, perguntou:

— Como vai professora Eliandra? Posso chama-la de professora certo?

— Pode, pode sim! – disse ela com um leve sorriso.

A diretora Eliandra era uma mulher da altura de Eric, com rosto ainda jovem, apesar de já ter 42 anos de idade, era simpática, se fossem com ela, e era uma mulher de moralidade no colégio.

— Desculpe por minha intromissão ontem à tarde. – disse Eric ainda sério.

— Não, tudo bem! Ééé... Eric correto? – perguntou a diretora com olhar pensativo.

— Correto.

— O que posso fazer por você Eric meu jovem?

— Preciso fazer outra pergunta concernente ao caso.

A diretora olhou para Eric e pensou algo antes de dizer. Olhou para o relógio de seu pulso e percebendo que ainda era cedo para a aula iniciou perguntou a Eric:

— Se importa de vir até minha sala particular um instante Eric?

— Não, tudo bem.

Ao entrar na sala, a diretora encostou a porta falando a Eric:

— Sente-se Eric, fique à vontade. – estendendo a mão para a cadeira na frente de sua mesa.

Eric se sentou e acompanhou a diretora com os olhos se sentar na outra atrás da mesa.

— Eric três dias atrás a professora Melina me trouxe sua prova de física, e eu digo que foi algo assombroso o que você fez naquele dia. Resolveu todas as equações em menos de cinco minutos e não errou nenhuma. E eu sei que você ficou mais de cinco meses sem vir para o colégio por causa do acidente que você sofreu naquela excursão. Ninguém que fica tanto tempo longe da escola sem aprender matéria nenhuma consegue resolver vinte equações em cinco minutos.

Eric com seu olhar pensativo disse:

— Pode ir direto ao ponto professora.

— Muito bem. Eric naquele dia que você sofreu o acidente foi por Deus que você não morreu. E uma coisa curiosa. Você recebeu um dom. A sabedoria. O que tornou de você um garoto especial Eric. – fez uma pausa olhando para Eric e continuou: — Só que agora você terá de manter isso em segredo. Quem além de eu e você está a par desse segredo?



— Meus amigos. Jorge Gibson e Juliana Donovan.

— Então terá agora de ser um segredo nosso. Seu, meu e de seus amigos Eric. Ninguém mais deverá saber desse seu dom. Para sua própria segurança. E use agora sua sabedoria sempre para o bem.

— Já o estou fazendo professora.

— Sim, eu já percebi. Você quer investigar o caso?

— Correto.

— Está bem. Mas preste atenção Eric. Não se aprofunde demais nesse caso. Poderá ser perigoso para você. Investigue apenas o essencial e farei o máximo para lhe ajudar.

— Fico grato com sua colaboração. – disse Eric com seu leve sorriso

— Agora. Qual era a pergunta a qual você ia me fazer?

— De que empresa ou loja vocês encomendaram aquele computador?

— Foi de uma loja chamada Planeta da Informática. Mais alguma pergunta?

— Não, essa por enquanto foi o suficiente, obrigado.

— Então é melhor você ir para aula, já está quase no horário.

— Tem razão. Mais uma vez obrigado. – disse Eric se levantado e saindo da sala.

Eric ao sair da sala da diretoria, com um leve sorriso teve o seguinte pensamento: *“É uma pena que não posso concordar com a diretora no fato de que não vou me enraizar nesse caso.”* E foi andando em rumo a sua sala.

Ao entrar na sala, Eric foi ao encontro de seus amigos que estavam sentados no meio da sala. Ao sentar-se em lugar próximo a eles o sinal tocou. Jorge com sua pose de rico, mesmo ele não sendo um, disse

animado a Eric mostrando o pulso:

— Olhe Eric meu relógio novo. Custou muito caro. Gostou?

— É de fato um belo relógio. Mas... – antes que Eric terminasse de falar ele pensou um pouco.

— Mas o que? – perguntou Jorge inquieto.

— Mas eu acho que eu nunca possuirei um igual. – disse Eric com tom de mudança de frase.

— Pois é! Um cara cheio da grana que nem eu, tem que se gabar de seus pertences.

— E o que você está fazendo em uma escola pública Jorge? – Perguntou Juliana com seu tom de sarcasmo.

— Ah! Éééé... Economizando para sobrar mais na conta né. – disse Jorge com um sorriso maroto.

— Ta bom, sei! – disse Juliana com uma careta.

Entrando na sala com uma voz ativa a professora Melina disse:

— Muito bem turma. Vamos iniciar a aula.

Enquanto todos preparavam seus materiais a professora Melina fazia a chamada.

Eric mergulhado em seus pensamentos fazia uma análise das pistas que já tinha. Já era um começo para ele. E agora que tinha uma pista importante, Eric pensou consigo mesmo: *“Agora eu só preciso fazer uma pequena visitinha aquela loja para saber que modelo de computador foi encomendado.”*

No termino da aula, Eric e seus amigos estavam indo em direção da saída, quando então Eric viu o delegado que conversara da primeira vez sobre o caso estava entrando na sala da diretoria. Com seu semblante sério Eric disse aos seus amigos:

— Eu preciso resolver um assunto na diretoria. Vocês podem ir sem mim.

— Tudo bem. Até amanhã então. – disseram Jorge e Juliana.

Depois de ter se despedido de seus amigos, Eric foi em direção da sala da diretoria. Chegando à porta da sala Eric ouviu o delegado falar a diretora:

— Reúna as pessoas que disse que possuem a chave desta sala. Quero fazer algumas perguntas.

— Está bem delegado. Espere um instante, por favor. – disse a diretora.

Quando a diretora saiu da sala, ela passou por Eric, mas não o viu. Eric entrando na sala perguntou ao delegado que estava parado de pé olhando um quadro:

— Como vai delegado?

— Ah! Eric meu jovem. Eu estou bem, e você? – perguntou o delegado com seu sotaque russo.

— Estou ótimo. Obrigado. Espero que você não tenha se ofendido comigo aquele dia.

— Não, não, claro que não. Você me deu uma pista muito importante. Talvez se eu não tivesse percebido, e sei que não teria, não teria conseguido levar esse caso adiante. – disse o delegado com um sorriso.

— Como se chama delegado? Eu não sei o seu nome.

— Harter. Delegado Harter. Mas pode me chamar só pelo nome.

— Não tudo bem. É mais conveniente chama-lo de delegado Harter.

— Fique à vontade meu jovem.

— Se importa se eu ficar para seu interrogatório? Gosto de

investigações policiais.

— Claro, pode ficar. Quem sabe você não possa me auxiliar outra vez. Hãh?

— Pra mim está ótimo.

Enquanto Eric e o delegado conversavam, a diretora entrou com as pessoas que possuíam a chave da sala. A diretora olhando para Eric perguntou:

— Oh! Eric. Quer ficar para o interrogatório? Quer dizer isso se o delegado aprovar é claro.

— Não, está tudo bem. Eric e eu já conversamos, e nós combinamos que seria interessante ele ficar para acompanhar o interrogatório.

— Ah! Então está bem. – disse a diretora com um leve sorriso.

Antes de iniciar o interrogatório, o delegado olhou para a diretora e perguntou:

— A senhora se importa de eu usar sua sala particular para eu interrogar um de cada vez?

— Não. Pode usar a vontade.

— Obrigado.

— Tudo pelo bem do colégio.

— Então vamos iniciar. Eric meu rapaz você vem comigo. O primeiro que vou interrogar será o faxineiro.

— Perfeito. – disse Eric.

Os três entraram na sala. O delegado encostou a porta dizendo ao faxineiro:

— Sente-se ali, por favor. – disse o delegado apontando

para o mesmo lugar onde Eric havia se sentado antes quando conversou com a diretora. E o delegado se sentou na cadeira que a diretora ocupava.

— Qual é o seu nome? – perguntou o delegado.

— Rogério.

— Rogério por questões de rotina eu farei algumas perguntas, está bem?

— Sim.

— Qual sua idade?

— Trinta e cinco anos.

— Há quanto tempo trabalha nesse colégio?

— Dois anos.

— Estado civil?

— Solteiro.

— Tem alguma formação extracurricular?

— Não senhor. Sou de uma família pobre.

— Compreendo.

— Já usou um computador antes Rogério? – perguntou Eric.

— Ele pode perguntar?

— Sim, ele pode. – disse o delegado.

— Já usei sim, várias vezes. Posso não ser formado em alguma coisa, mas eu tenho um conhecimento básico em informática. Fiz um pequeno curso uma vez.

— Antes de sair do colégio, no dia do assalto você trancou esta sala?

— Sim, depois que termino de limpá-la eu sempre tranco.

— Interessante. – disse Eric com seu semblante sério olhando para o vazio.

— Tem mais alguma pergunta Eric? – perguntou o delegado.

— Não. Não tenho mais perguntas.

— Agradeço sua colaboração Rogério, por hora é isso. Pode sair.

Quando o faxineiro saiu o delegado disse a Eric:

— Impressionante. Você sabe como fazer as perguntas certas. Nem passou pela minha cabeça essas perguntas. Isso que já tenho anos de experiência. Muito bom. Onde aprendeu a questionar assim?

— Leio muito os livros policias. – disse Eric com tom de contorno imperceptível de frase.

— Então continue assim. – disse o delegado com sorriso.

— Quem vai interrogar dessa vez? – perguntou Eric.

— A coordenadora. Mande-a entrar.

— Certo.

A coordenadora entrou na sala. Ela sentou-se e o delegado iniciou com uma pergunta:

— Qual é o seu nome coordenadora?

— Lúcia.

— Lúcia por questões de rotina eu farei algumas perguntas, está bem?

— Sim.

— Encoste a porta Eric.

Eric encostou a porta e o delegado começou a interrogar:

— Há quanto tempo trabalha nesse colégio?

— Doze anos.

— Qual é o seu estado civil?

— Solteira.

— Idade?

— Trinta anos.

— É formada em alguma coisa?

— Pedagogia.

— Coordenadora diga-me, a que horas sai exatamente do colégio?  
— perguntou Eric com ar pensativo.

Com tom de advertência a coordenadora disse:

— Nossa que abuso desse garoto. Ele pode ir perguntando assim?

— Sim, ele pode. Ele tem minha autorização. — disse o delegado.

Pasmada a coordenadora respondeu:

— Eu saio sete horas em ponto. Pelo fato de organizar minha mesa.

— E a que horas fecha o colégio exatamente? — continuou Eric perguntando.

— Oito horas.

— Como tem tanta certeza disso?

— Por que é o horário que o faxineiro fecha tudo.

— Interessante. — disse Eric pensativo.

— Mais alguma pergunta Eric? — perguntou o delegado.

— Não. Não tenho mais perguntas. – disse Eric com seu semblante sério.

— Por ora é isso senhorita Lúcia. Pode sair. – disse o delegado.

A coordenadora deixou a sala e delegado falou a Eric:

— Você é bom mesmo em questionar em rapaz.

— Obrigado.

— Queria que todos na delegacia fossem assim.

— Pois é. Ah! Uma coisa delegado.

— Fale meu jovem.

— Será que depois desse interrogatório eu posso conversar melhor com o senhor.

— Claro! Terei prazer em conversar com você mais tarde.

— Ótimo. Então quem será a próxima?

— A secretária. Mande-a entrar.

E Eric assim fez. A secretária entrou e o delegado disse:

— Sente-se minha jovem.

E ela se sentou.

— Qual é o seu nome senhorita?

— Monica.

— Monica por questões de rotina eu farei algumas perguntas, está bem?

— Está bem.

— Há quanto tempo trabalha no colégio?

— um ano.



— Qual é seu estado civil?

— Solteira.

— Idade?

— vinte e cinco.

— É formada em alguma coisa?

— Tenho uma pequena formação em informática básica.

— Diga-me Monica, a que horas termina seu turno aqui no colégio? – perguntou Eric.

— Desculpe, mas ele pode perguntar delegado?

— Sim, ele pode.

— Bom, meu turno acaba seis e meia.

— Então você sai antes da coordenadora? – perguntou Eric.

— Sim, está correto.

— Interessante. – disse Eric mais pensativo ainda.

— Mais alguma pergunta Eric? – perguntou o delegado.

— Sim, uma última pergunta. Eu não queria entrar por essas questões. Mas com todo respeito eu preciso saber, você tem namorado Monica?

— Tenho.

— Obrigado. Era só isso. – disse Eric.

— Bem, então não há mais perguntas. Por hora é isso senhorita. Obrigado. Pode sair. – disse o delegado dispensando a moça.

A secretária deixou a sala e dessa vez com seu semblante sempre sério foi Eric que falou:

— Falta muito pouco.

— Para o que Eric? – perguntou o delegado.

— Para solucionarmos o caso.

— E como tem tanta certeza disso meu rapaz?

— Por que nós já temos as pistas certas.

— Temos? – perguntou o delegado incrédulo.

— Sim, temos. Quando sairmos daqui eu vou lhe esclarecer.

— Tome cuidado para não tirar conclusões precipitadas Eric. É perigoso. Não se resolve um caso de uma hora para outra assim.

— Não, neste caso não estou tirando conclusões delegado. Estou indo em direção da resposta.

— Bom. Depois conversaremos melhor. Mande a diretora entrar.

A diretora entrou e sentou-se sem o delegado pedir. O delegado então perguntou:

— Diretora Eliandra, você já sabe que por questões de rotina eu vou lhe fazer algumas perguntas, tudo bem pra você?

— Sim delegado, tudo pelo bem do colégio.

— Muito bem então. Vou direto ao ponto.

— A vontade, senhor delegado.

— Há quanto tempo trabalha no colégio diretora?

— Dez anos.

— Tem alguma formação?

— Letras.

— Qual é seu estado civil?

— Casada.

— Tem filhos?

— Sim, três. Mas todos têm idade abaixo de quatorze.

— Professora diga-me, a que horas sai do colégio? – perguntou Eric.

— Seis e meia. Junto com a secretária.

— Diga-me, quando vocês saem junto do trabalho, ela comenta assuntos com você?

— Ela fala muito do namorado. Ela deve gostar muito dele pra estar sempre falando dele.

— E o que exatamente ela comenta mais sobre esse namorado?

— Ela gosta de comentar que o namorado dela é PhD em informática.

— No dia seguinte do assalto, ela comentou com você se o namorado dela comprou um computador novo?

— Eric vejo que você deve estar no caminho certo. Porque agora que você perguntou, ontem ela me comentou sim que o namorado dela comprou um computador. Mas não foi pra ele. Foi pra ela.

— Interessante. – disse Eric com um leve sorriso olhando para o delegado.

— Eric, acho que agora estou começando a compreender seu raciocínio. – disse o delegado impressionado.

A diretora sorrindo disse:

— Eu sabia que você seria bastante útil nesse interrogatório. Ele fez um bom trabalho não é delegado?

— Sim, fez um ótimo trabalho. Genial.

— É mais precisamos ter certeza de mais um fato. – disse Eric

pensativo.

— Qual? – perguntou o delegado.

— Precisamos saber, qual é a configuração do computador novo da secretária, e a que o colégio encomendou. E ver na nota fiscal se o número do código vai bater com a caixa roubada.

— Brilhante meu rapaz! Você é um gênio. – disse o delegado se empolgando.

— É bem verdade o que o delegado está dizendo, mas agora Eric você tem que ir para casa, sua mãe deve estar preocupada. E deixe que o delegado assuma daqui pra frente este caso.

— Tem razão. Importa-se de me levar delegado? – perguntou Eric.

— Não. Será um prazer.

— Então até amanhã professora Eliandra.

— Até amanhã Eric.

— Até mais senhora.

— Até mais delegado.

E a diretora com um sorriso, acompanhou-os com os olhos saírem da sala dela.

Eric e o delegado Harter saíram da sala diretoria e foram em rumo à saída do colégio. Saindo do colégio, Eric e o delegado entraram no carro. Ao fechar a porta Eric perguntou:

— Delegado lembra que eu queria conversar melhor com você sobre o caso em outro lugar?

— Lembro.

— Tem que ser agora. Mas primeiro temos que avisar

minha mãe. Diga a ela que você me convidou para comer um lanche. Pode dizer a ela que eu ajudei você num assunto importante e você quis me recompensar. Ela com certeza irá compreender.

— Está bem, farei isso.

O delegado ligou o carro, e os dois saíram em direção à casa de Eric.

Chegando lá, os dois entraram na casa de Eric. O delegado explicou tudo à mãe de Eric e ela aceitou sem problema nenhum. Os dois saíram e entraram no carro novamente. Ao colocar a chave no contato o delegado perguntou:

— E então, para onde vamos?

— Qualquer restaurante que seja discreto.

## **CAPITULO VI**

Depois de terem saboreado um belo jantar em um restaurante italiano, não muito caro, Eric e o delegado Harter

começaram a conversar melhor sobre o caso que estava quase resolvido. Com tom de entusiasmo o delegado disse a Eric:

— Sabe. Em muitos anos de trabalho na polícia nunca tinha visto algo tão extraordinário na minha vida. Se você estiver correto no rumo em que tomou no caso, pode ter certeza que esse vai ser o caso de roubo resolvido mais rápido da história.

— Talvez. Mas estou seguindo o seu conselho em não tirar conclusões precipitadas. Até porque caso criminal não se define com conclusões. Define-se indo em direção de uma resposta significativa.

— Puxa! Nunca tinha visto alguém da sua idade falar com tanta eloquência.

— Obrigado. Mas não vamos entrar nesses detalhes.

— Certo! Afinal viemos aqui para conversar sobre o caso.

— Correto.

— Então me diga como conseguiu perceber os fatos que eu mesmo não percebi?

— Bem. Tudo começou quando eu havia percebido que a porta da sala da diretoria não estava arrombada. Disso com certeza você tem lembrança.

— Nunca vou me esquecer.

— Então eu comecei a pensar. Quem dos quatro que possuíam a chave teria um motivo para roubar um computador e fazer parecer que foi um assalto? Pensei em todas as possibilidades. Mas ainda faltava uma informação.

— E qual era?

— A configuração do computador.

— E porque você precisaria de uma informação dessas?

— Para saber o motivo do roubo.

— Mas computador é tudo igual.

— Para você que trabalha apenas na polícia sim. Mas para quem entende de informática não.

— Verdade? Puxa e eu pensei que entendia de computador.

— O mundo é uma caixinha de surpresas.

— E qual é a diferença de um computador para o outro?

— Vou resumir pra você. Quanto mais recente for um computador, melhor é a sua capacidade para a função que foi programado. E os mais recentes do ano passado para esse ano têm uma nova tecnologia em suas placas processadoras. A tecnologia de conter diamante dentro delas. Dando assim, uma duração maior as placas e mais qualidade. Sem falar em outras tecnologias adicionais. E sempre que sair um computador novo no mercado, sua capacidade e velocidade será maior do que já estava no mercado.

— Nossa! É o mundo é mesmo uma caixinha de surpresas. Mas antes de voltarmos ao caso. Quero fazer uma pergunta.

— Exponha delegado Harter.

— Porque os diamantes?

— Porque são mais resistentes ao calor. Impedindo assim que as placas esturriquem fácil.

— Entendi. Mas voltando ao caso. Você acha que roubaram o computador por causa dos diamantes?

— Não. Os diamantes dentro das placas são de tamanhos insignificantes, não valem quase nada.

— Então?



— Como eu já lhe disse. O motivo provável de ter sido roubado foi por causa da configuração.

— Isso tudo está começando a fazer sentido. Mas e depois, como você sabia para onde dar o próximo passo?

— Eu pensei em depois da aula de hoje, ir a uma loja de informática chamada Planeta da Informática. A loja onde foi encomendado o computador do colégio. E ver se eles tinham uma cópia da nota fiscal do computador encomendado para eu poder saber qual era a configuração dele e o código da mercadoria. Mas, quando vi você entrando na sala da diretoria, deduzi que você iria fazer o interrogatório com as pessoas que possuíam a chave daquela sala. Então quis aproveitar e ver se conseguiria mais pistas para o caso. E pelo visto acabou sendo fácil demais solucioná-lo.

— E como você percebeu que o caso estava solucionado?

— Depois que a professora Eliandra disse que a secretária gostava de mencionar que o namorado dela era PhD em informática. E tem mais.

— O que?

— Não só solvei o caso. Como descobri um caso.

— Como assim meu jovem?

— Descobri que a coordenadora e o faxineiro estão tendo um.

— E como você descobriu isso?

— Porque ela mentiu quando disse que ela saía sete em ponto. E porque ela disse que o colégio fechava as oito. Quando na verdade o colégio fecha às sete e meia. Eu sei por que quando eu estava na sexta série, havia esquecido um pertence meu muito importante e voltei pra pega-lo, era sete e vinte e cinco quando encontrei com a coordenadora saindo da diretoria com as chaves de todas as salas do colégio, pedi a ela que abrisse a sala onde eu estudava para que eu pudesse pegar o meu

pertence. E depois disso acabei saindo junto com ela no horário que fechava o colégio, sete e meia. E um detalhe muito importante. Não havia faxineiro ou faxineira naquela época. O governo não estava mandando verbas para termos um funcionário dessa função. Só que agora apareceu esse Rogério há dois anos e ela obviamente deve ter se apaixonado por ele, e ele por ela. E praticamente devem estar fechando o colégio mais tarde agora. Mas não quero entrar em detalhes.

— É também acho que devemos parar por aqui e continuar o assunto sobre o caso do roubo.

— Enfim. Vi que havia dois suspeitos a menos na lista. Então só sobrou um. A secretária.

— Por que descartou a diretora logo de cara?

— Primeiro porque foi ela que encomendou o computador. E segundo, dizendo numa linguagem bem simples. O salário dela é o maior do colégio. Não a motivo para ela querer roubar um computador, seja qual for sua configuração, e perder o emprego que está garantido. Você trocaria seu emprego por um computador delegado Harter?

— Não, com certeza não. Tem razão. Seria tolice.

— Exato.

— Então você teve a mesma linha de raciocínio sobre a secretária? Em trocar um emprego por um computador, certo? – perguntou o delegado olhando para o vazio com um leve sorriso.

— Correto.

— Por isso perguntou se ela tinha namorado. Dando um tiro no escuro, mas sabendo mais ou menos onde era o alvo. Brilhante!

— A secretária na verdade não tem culpa nisso. Ela deve

estar inocente sobre o que aconteceu. O suspeito real mesmo é o namorado dela. Que por amor e falta de dinheiro, fez tal ação. Ou, ele tem um emprego criminoso em roubar computadores e desmontá-los para vender as peças depois. E decidiu dar um presente a namorada para agradá-la sem gastar dinheiro, roubando um. Mas o que tudo indica é que a segunda alternativa é a mais provável.

— Mas e a chave? Como ele conseguiu? E como ele sabia que havia um computador no colégio?

— Simples. Um ou, alguns dias antes do assalto, ela deve ter comentado com ele que viu um computador novo chegar no colégio, e que esse computador era um sonho de consumo dela. Obviamente ela comentou com o intuito de revelar um sonho que ela tinha. E como o namorado dela sabia que ela trabalhava na diretoria e que ela tinha a chave da sala, por amor, quis mostrar que amava ela de verdade, então pegou a chave. Que obviamente devia estar na bolsa dela. E sem ela ter percebido é claro. E então ocorreu o assalto.

— Mas esse cara foi muito zé ruela em ter deixado o portão do colégio arrombado. Pobre moça, não sabe que o namorado é um criminoso. – disse o delegado balançando a cabeça, indignado.

— É. Isso é bem verdade. Mas ele deve ter se esquecido de um pequeno detalhe.

— Qual?

— De não perceber que a namorada só tinha a chave da diretoria e não a do colégio também. O resto das chaves era da casa dela.

— Puxa é verdade! Você pensou em todos os detalhes. Genial.

— Obrigado.

— Bom, mas agora vejo que temos que ir. Já passa das nove.

— Antes de irmos, só mais uma coisinha.

— O que?

— Prometa-me que não vai contar a ninguém, ninguém mesmo, que eu resolvi esse caso. E prometa que os créditos irão todos para você.

— Por que Eric?

— A diretora Eliandra me aconselhou não ir a fundo nesse caso. Disse que seria perigoso. E agora compreendo por que.

— Está bem meu jovem. Eu prometo que ninguém vai saber que você é um garoto especial. E que solucionou esse caso.

— E mais uma coisa.

— Diga.

— Não se esqueça de verificar a cópia da nota fiscal da encomenda da loja que lhe falei, com a caixa roubada. E veja também se a configuração é a mesma. Peça para um técnico lhe acompanhar. Assim, você poderá ter provas mais concretas depois.

— Está bem. Farei isso. E obrigado Eric, por ter me ajudado nesse caso e ensinado que devemos valorizar mais as pessoas. Mesmo elas sendo jovens. Pois, não sabemos se essas pessoas podem um dia nos ajudar. – disse o delegado Harter com um sorriso.

— Não há o que agradecer. Pois eu também aprendi muito com o senhor. Aprendi que nós podemos ser valorizados, se mostrarmos que somos merecedores dessa valorização. – disse Eric também com um sorriso.

— Se um dia você precisar de minha ajuda. Qualquer coisa mesmo. Ligue para esse número. E pode vir falar comigo que terei prazer em ajuda-lo. – disse o delegado que entregou um cartão a Eric.

— Obrigado delegado. O mesmo digo para o senhor.

— Vamos então?

— Vamos.

E então o delegado pediu a conta e os dois deixaram o restaurante.



## CAPITULO VII

No dia seguinte, Eric ia em direção ao colégio com um leve sorriso no rosto feliz por ter participado de uma investigação policial pela primeira vez em sua vida. Chegando à entrada do colégio, Eric encontrou com a diretora que aguardava a sua chegada. Com um semblante sério e uma voz com tom de muita seriedade, a diretora Eliandra disse a Eric:

— Eric quero que venha a minha sala agora.

Sem temor da aparência que a diretora apresentava Eric respondeu:

— Pois não.

Chegando a sala da diretora, Eric viu o delegado de costas para ele olhando um mural. Mas mesmo assim Eric não ficou surpreso, pois tinha visto o carro dele lá fora. Com seu semblante sério Eric perguntou ao delegado que ainda estava de costas:

— E então?

O delegado se virou e também com um semblante sério respondeu:

— Você estava certo meu rapaz. – terminando com um sorriso.

A diretora atrás de Eric disse alegre:

— Parabéns querido. Você foi brilhante. Parabéns.

— Parabéns meu jovem. Em anos de trabalho na polícia esse foi o primeiro caso de roubo solucionado mais rápido da história. – disse o delegado ainda sorrindo.

— Fico muito agradecido. Mas isso tem que ficar entre nós.

— Não. Claro, claro. Apenas entre nós. – disse o delegado.

— Ótimo. – disse Eric com um leve sorriso. E completando a fala perguntou:

— Como foi que fizeram, e o que descobriram?

— Você estava certo na hipótese do namorado da secretária ser um ladrão da informática. Encontramos na oficina da casa dele mais de cento e cinquenta computadores roubados e um furgão azul marinho na garagem, a qual ele transportava depois que roubava. E não roubava sozinho. Prendemos mais três cúmplices dele. Ah! É claro. Antes disso verificamos na loja que você me falou a cópia da nota fiscal do computador encomendado com a original que estava dentro da caixa roubada, que é obvio estava na casa da secretária. E você tinha razão ela era inocente. Ela não sabia que o namorado tinha tal profissão. Vi que ela dizia a verdade quando soube da notícia e se derramou em lágrimas surpresa com tudo aquilo. E eu que tenho anos de experiência sei quando alguém fala a verdade. É como você disse Eric, ela não seria tola de perder um emprego por causa de um computador.

— E ela está bem?

— Sim Eric ela está bem. – respondeu a diretora colocando uma das mãos em cima do ombro de Eric.

— Você deu a ela um dia de folga diretora? – perguntou Eric.

— Sim querido eu dei.

— Ótimo. Pois o que ela mais precisa nesse momento é que sua faculdade mental se restabeleça emocionalmente.

— Tem razão. – disse a diretora.

— Bom, então eu acho que eu não serei mais útil aqui. – disse Eric com seu semblante sério e pensativo.

O delegado se preparando para sair apertou a mão de Eric



e falou:

— Mais uma vez parabéns Eric meu jovem. Você foi brilhante!

— Obrigado delegado. Foi um prazer ter estado com o senhor nessa investigação.

— Não. O prazer foi meu. E você já sabe se precisar de qualquer coisa entre em contato comigo.

— Pode ficar tranquilo, farei isso.

— Até logo então. – disse o delegado se despedindo de Eric e a diretora.

E os dois fizeram o mesmo olhando o delegado deixar a sala. A diretora olhou para Eric dizendo:

— Bom, acho que alguém deve ir para aula agora.

— Sem dúvida. Até depois professora.

— Até depois querido.

Eric foi rumo a sua sala tendo o seguinte pensamento: *“Pressinto que esse não será meu primeiro e último caso.”* Entrando na sala Eric foi sentar-se próximo a seus amigos. Jorge olhando Eric perguntou:

— Como vai amigão?

— Eu estou ótimo e você?

— Melhor impossível.

— E você Juliana como está?

— Eu estou bem Eric obrigada.

Jorge inquieto perguntou a Eric:

— Aí Eric, o que você tinha de tão importante pra resolver na diretoria ontem?

— Em breve você saberá meu caro amigo.

— Tá bom.

A professora Melina entrou na sala com sua voz ativa dizendo:

— Vamos iniciar a aula turma.

Todos começaram a preparar seus materiais, e a professora Melina começou a fazer a chamada. Enquanto a professora Melina fazia a chamada um garoto alto entrou na sala. Todos com uma cara de espanto, menos Eric, acompanharam com os olhos o garoto entregar um papel junto com um documento à professora Melina que estava tranquila em sua cadeira. A professora Melina pegou os dois papéis e analisou-os. Com sua pose disciplinar disse ao garoto:

— Pode ir se sentar Marcos.

E sem hesitar ele obedeceu. O único lugar vazio que havia era ao lado de Eric. E Eric com seu semblante sério e sem temor de nada, olhou para Marcos sentar—se ao lugar do lado dele. Jorge com sua voz atemorizada sussurrou a Eric:

— Por acaso você trouxe aquele seu relógio legal?

Eric sério e com voz tranquila também respondeu com um sussurro:

— Sim, eu o trouxe. Mas sei que não precisarei usá-lo.

— O que? Como tem tanta certeza disso? – perguntou Jorge com outro sussurro.

— Eu simplesmente sei. Agora vamos prestar atenção na aula.

Jorge não disse mais nada e Eric olhou outra vez pensativo para Marcos. Vendo que Marcos prestava atenção na aula Eric começou a fazer o mesmo.

Duas horas se passaram e o sinal tocou para a hora do intervalo, e Eric e seus amigos saíram da sala para participa-lo. Os três pararam em um lugar qualquer e começaram a conversar sobre Marcos ter retornado para a escola. Jorge assombrado disse:

— Eu nunca mais vou voltar para esse colégio. Não quero morrer.

Juliana arrogante disse a Jorge:

— Não diga besteira Jorge. Ninguém vai morrer.

— Eu é que não vou ficar pra descobrir.

— Se acalme Jorge. Ele não foi libertado da prisão de qualquer maneira. Ele deve estar respondendo ao processo em liberdade condicional. – disse Eric pensativo.

Jorge olhou por cima dos ombros de Eric e disse assustado:

— Ele está atrás de você.

Eric sem temor nenhum se virou e olhou Marcos com seu semblante sério. Marcos com uma voz calma disse:

— Olá Eric.

— Olá Marcos.

— Como você está?

— Bem, obrigado. E você?

— Bem também. Eu queria dizer que sinto muito pelo que eu fiz a você. E peço mil desculpas. Não quero criar mais problemas.

— Tudo bem Marcos, já perdoei você há muito tempo. Sei que não irá causar mais problemas.

— Então será que podemos ser amigos? Farei qualquer coisa para ter sua amizade.

— Espere um minuto. Jorge?

— Ah! Uma pessoa a mais sempre ajuda, eu acho. – disse Jorge engolindo seco.

— Juliana?

— Por mim tudo bem Eric.

— Então, bem vindo a bordo Marcos.

— Puxa! Valeu pessoal. O que vocês precisarem de mim, podem contar comigo.

Depois que Eric e seus amigos aceitaram Marcos no grupo, eles conversaram até a hora do intervalo acabar. Os quatro retornaram para sala e se deu o início de uma nova amizade entre eles.

No término da aula, os quatro iam direção a saída, quando Roger e seus amigos estavam indo ao encontro deles. Roger com uma voz covarde disse a Marcos:

— Cara fica longe desse estranho. Ele é um mago.

— Cala boca Roger, senão eu te quebro aqui mesmo. Vai tentar a sorte?

— Não cara. Fica frio. Só queria te alertar só.

— Eric é meu amigo agora, e se tentar fazer algo para machuca-lo você vai se ver comigo.

— Tá bom, desculpa aí.

Depois disso Roger e seus amigos se foram e Jorge empolgado disse:

— Um viva para Marcos!

E Marcos com um sorriso disse:

— Obrigado.

E os quatro foram rumo as suas casas conversando.

[...]

No vigésimo quinto distrito da polícia civil, o delegado Harter estava em uma reunião com os detetives discutindo sobre um caso muito importante. Tratava-se de um assunto de uma quadrilha de assaltantes profissionais que roubavam carros na grande São Paulo. O delegado Harter que estava de pé conversava com os detetives:

— Já são dez anos que estamos tentando encontrar essa quadrilha, e até agora não temos nenhum suspeito. Nós precisamos encontrar uma pista e rápido. Não podemos mais deixar que esses bandidos continuem roubando carros de pessoas de bem.

Um detetive jovem perguntou ao delegado:

— A polícia federal não pode assumir o caso?

— Não. Ela já tem quatro casos importantes de roubos para resolver. E eu quero pegar esses bandidos. Custe o que custar.

Outro detetive um pouco mais de idade que o anterior perguntou:

— Delegado esse caso é muito complexo. Os caras são profissionais, não deixam um vestígio se quer dos carros roubados. E muito menos deles. Como vamos achá-los? Precisamos de alguém que perceba algo que não percebemos.

Ao ouvir a última frase, no mesmo instante o delegado Harter pensou em Eric. A sala ficou em silêncio e todos olhavam para o delegado. O delegado silencioso pensou consigo mesmo: *“Não, não vou envolver aquele jovem nesse caso. Pode ser perigoso demais. Mas, aquele garoto é bom em perceber as coisas. Ele é um gênio. Será? Ele pode ajudar se ficar só aqui no departamento e sob sigilo total. Não, mas mesmo assim pode ser perigoso demais. E agora o que eu faço?”* O delegado voltando a

olhar os detetives falou:

— Eu conheço uma pessoa que pode nos ajudar.

Os detetives inquietos olharam uns para os outros. E um deles perguntou:

— Quem?

— O nome dele é Eric Bruce.

[...]

Eric estava sentado na frente de seu computador navegando na internet estudando mais a fundo o salto quântico dos elétrons nos átomos. Sua mãe bateu na porta de seu quarto e Eric falou:

— Pode entrar mãe.

— Filho telefone pra você, é o delegado Harter.

Eric pegou o telefone sem fio da mão de sua mãe e ela saiu. Eric com sua voz limpa e séria falou:

— Diga delegado.

— Tudo bem Eric meu jovem?

— Tudo e com o senhor?

— Também obrigado. Só quero lhe fazer uma pergunta.

— Exponha.

— Posso pegar você depois da sua aula para

conversarmos?

— Claro.

— Está bem então. Até mais.

— Até mais delegado.

Eric desligou o telefone e colocou ao lado de seu computador. Pensativo Eric teve o seguinte pensamento: “*Pelo que eu vejo, acho que terei de resolver mais um caso.*” Tendo pensado isso Eric voltou a estudar o salto quântico em seu computador.





## CAPITULO VIII

Era uma tarde nublada, quando Eric estava indo em direção ao colégio no dia seguinte. No caminho Eric encontrou Marcos que saiu de uma rua lateral à direita. Enquanto eles iam em direção ao colégio Marcos fez uma pergunta a Eric:

— Desculpe perguntar assim, mas é que depois que fizemos amizade no colégio ontem, eu percebi que você estava mais diferente. Sua forma de falar mudou. Não sei, sinto que você está diferente do que era antes. Eu queria saber, o que fez você mudar?

— É. Uma boa pergunta Marcos. Mas, vou responde-la se me prometer uma coisa.

— Qualquer coisa, amigão! Nunca mais quero causar problemas. E nem te prejudicar.

— Ótimo. Vou confiar em você. Se expuser para mais alguém o que vou lhe revelar, vou negar e fazer você parecer um doente mental. Entendeu?

— Não, beleza. Você é quem manda agora.

— Certo. Então preste atenção. – Eric fez uma pausa e continuou: — Depois que você me empurrou e me causou aquele acidente, a minha mente foi alterada. Meu raciocínio e minha sabedoria estão maiores agora. Posso criar, aprender, perceber, transformar, tudo o que eu quiser sem fazer esforço. Percebi isso depois que sai do hospital.

— Nossa! Que legal. Parece até história de ficção científica.

— É eu sei. Mas não se esqueça que estou confiando em você.

— Não se preocupe, para arrancarem essa informação de mim só me matando.

— Assim eu espero.

Chegando ao colégio, Eric e Marcos se encontraram com Jorge e Juliana no pátio. Os quatro se reuniram antes do sinal tocar e começaram a conversar. Eric contou aos dois o que tinha revelado a Marcos. E Jorge aproveitando o assunto perguntou a Eric:

— Você contou a ele sobre Roger e seus amigos?

Eric com seu semblante sério respondeu:

— Descrevi tudo Jorge. A história toda.

Marcos aproveitando perguntou:

— É verdade que esse relógio produz imagem holográfica de quem o usa?

Eric respondeu:

— Sim, criei o com o intuito de me salvar de emboscadas ou armadilhas imprevisíveis. Como eu fiz com seu ex-amigo Roger.

— Aah! Então por isso ele chamou você de mago. Que idiota.

Jorge com sua mania de tentar tirar proveito das coisas perguntou:

— Eric será que você pode me emprestar esse relógio?

— Para que finalidade?

— É que eu estou a fim de uma garota da sétima e eu não tenho coragem de falar com ela. Tenho medo de eu levar um fora e depois ela me bater. E já que o seu relógio serve para emboscadas, essa poderia ser uma né?

— Desculpe Jorge meu caro amigo, mas isso não vai ser possível. Se você usar o relógio pode causar mais problemas do

que só levar um fora. Visto que, se ela te bater, sua imagem física falsa irá desaparecer depois de dez segundos, e ela possivelmente achando que você era um fantasma, começaria a gritar. O que não seria uma boa coisa. Então é melhor você enfrentar o problema de cara.

— O que? Entre morrer e ficar vivo, a opção mais provável de eu chegar perto daquela garota é morrer. Então eu acho que eu quero viver.

— Você é quem sabe. – disse Eric olhando para o relógio enquanto Marcos e Juliana riam da situação.

O sinal tocou e os quatro se moveram em direção à sala.

No termino da aula Eric e seus três amigos ao sair da sala se encontraram com o delegado Harter. Com seu sotaque russo perfeito perguntou:

— Como vão meus jovens?

Os quatro retribuíram dizendo que passavam bem. O delegado olhando para Eric e perguntou:

— Podemos ir Eric? É um assunto muito importante.

Eric olhou para seus amigos e disse:

— Desculpe pessoal. Mas é algo que tenho que resolver sozinho.

Os três olharam para Eric. E Marcos colocando uma das mãos em cima do ombro de Eric falou:

— Tudo bem, não esquenta. Nós entendemos você. Seja o que for, tome cuidado amigo. Se precisar de nós, pode contar com nossa ajuda.

Jorge e Juliana concordaram com Marcos. E Eric com seu semblante sério disse:

— Obrigado pessoal. Vocês são meus melhores amigos. Prometo que vou contar-lhes o que é.

— Ta bem. – disse Marcos com um sorriso.

— Então até amanhã pessoal.

— Até amanhã Eric. – disseram seus amigos.

— Vamos delegado.

Então Eric e o delegado saíram do colégio e foram direto para a delegacia. Chegando lá, no térreo do prédio Eric se viu em volta de pessoas indo de um lado para o outro. Pessoas algemadas, policiais fardados, pessoas de palito, pessoas comuns, todo tipo de gente. Ao entrar no elevador Eric e o delegado Harter ficaram sozinhos. Fechando as portas, o delegado apertou o botão do terceiro andar. O delegado olhou para Eric e falou:

— Antes de qualquer coisa, eu só vou lhe pedir um favor Eric.

— Exponha.

— Ninguém te conhece ainda, e nenhum jovem de sua idade pisou nesse andar antes, então eu peço que fique perto de mim até que todos se acostumem com você e o conheçam melhor. Vou apresentar você a todos, está bem?

— Sem problemas.

— Ótimo. E não se preocupe não será por muito tempo.

— Pode ficar sossegado delegado. Vou ganhar a confiança deles no menor tempo possível.

— Sei que vai.

— Qual é o departamento desse andar?

— Roubos e homicídios.

— Interessante. – disse Eric com seu semblante sério e pensativo.

Ao abrirem as portas do elevador novamente, Eric e o delegado foram caminhando até sua sala. Olhando em volta, Eric viu vários homens de camisas e gravatas, com coldres armados no cinto das calças, sentados em frente a mesas de escritórios mal organizadas, indo de um lado para o outro com papéis e pastas, e algumas mulheres de blazers fazendo o mesmo. Exatamente igual aos filmes policiais que Eric havia visto no cinema e televisão. Ao entrar na sala do delegado Harter, Eric falou fazendo uma pergunta:

— E então. Não vai me apresentar aos detetives delegado?

O delegado encostando a porta da sala respondeu:

— Ainda não. Quero colocar você a par do assunto antes.

— Está bem, comece.

O delegado se sentou em sua cadeira oferecendo a outra a sua frente dizendo:

— Há dez anos estamos buscando encontrar uma quadrilha de ladrões de carros. E até agora não encontramos ninguém e não temos nenhuma pista ou vestígio desses caras.

Eric se sentou na cadeira de frente para o delegado e perguntou com seu ar pensativo:

— E porque precisa da minha ajuda?

— Precisamos de alguém que perceba o que não percebemos. E nesse momento você é a pessoa mais indicada. Sei o quanto você é capaz Eric. Mesmo sendo muito jovem.

— Eu disse que quando precisasse de minha ajuda eu o faria. Então conte comigo.

— Obrigado Eric.

— Não há o que agradecer, afinal gosto de assuntos policiais. Só vou precisar de algumas coisas.

— O que quiser meu rapaz. Pode pedir.

— Primeiro, vou precisar de todas as informações que necessitar. Segundo, quero total liberdade nesse andar. Terceiro, quero sempre estar atualizado nos fatos. Quarto, peçam autorização para o colégio para eu ficar fora o tempo que eu ficar aqui. E quinto, minha mãe tem que saber disso, convença ela de que será seguro.

O delegado sem palavras respondeu:

— Sim senhor coronel.

E Eric deu um leve sorriso dizendo:

— Vamos começar.

## CAPITULO IX

Já estava escurecendo, quando Eric com seu semblante sério olhava o trânsito lá fora pela única janela lateral que havia na sala do delegado Harter. Sozinho, Eric esperava a volta do delegado Harter que tinha saído com o propósito de reunir todos os detetives do andar para apresenta-lo. Mexendo na bagunça de papéis em cima da mesa do delegado, Eric viu vários casos que estavam em andamento. Assassinatos, roubos, todos os tipos de casos relacionados ao andar que se encontrava. Ao folhear um dos papéis, Eric viu o delegado entrar na sala novamente dizendo:

— Tudo pronto meu jovem, eles... – o delegado parou de falar e olhou para Eric.

Eric com seu ar sério e pensativo disse:

— Desculpe delegado não pude evitar olhar.

— Tudo bem Eric. Esses casos já estão quase resolvidos mesmo. Não tem mais tanta importância assim. E se tivesse não o proibiria de olhar, pois eu confio em você.

— Só lamento pela bagunça que você deixou essa mesa.

O delegado caiu em risos e disse:

— Puxa! Você não deixa de notar os detalhes mesmo, haha...

Eric dando um leve sorriso disse:

— É. Acho que não.

— Você é mesmo uma figura. – disse o delegado com um sorriso.

— Você dizia...?

— Ah! Sim. Eles já estão esperando.

— Então vamos!

Ao sair da sala, o delegado conduziu Eric até a sala onde se encontravam os detetives do andar. Entrando na sala, Eric olhou em volta e viu que era semelhante à sala que ele estudava. Com um quadro branco no fundo e quatro fileiras de cadeiras estofadas, todas com dez cada uma. Todas ocupadas por pessoas que começaram a sussurrar ao ver Eric entrar na sala. Ficando na frente de todos, o delegado começou a apresentar Eric dizendo:

— Boa noite pessoal. Hoje eu vou apresentar a vocês alguém que veio nos ajudar na busca pela quadrilha que há dez anos estamos tentando encontrar.

Com um tom de sarcasmo um dos detetives falou:

— E onde ele está que não estou vendo?

O delegado Harter não ligando para o que o detetive disse, falou:

— Ele está bem aqui do meu lado. Apresento a vocês senhoras e senhores, Eric Bruce.

O mesmo detetive indignado com que acabara de ouvir disse:

— Esse garoto tem a idade do meu vizinho. Ele nem saiu da escola ainda. Como é que ele vai nos ajudar num caso que nem mesmo nós resolvemos?

Eric com seu semblante sério e pensativo respondeu calmamente ao detetive:

— Vou ajudar do modo que você não ajudou.

Retrucando a resposta de Eric o detetive disse:

— Escute aqui meu jovem. Em primeiro lugar, você nem deveria estar aqui. E em segundo lugar, esse é um caso para



peritos que entendem do assunto. O que de fato você não é.

— Ora! Então porque não expõe aos seus colegas como apanhar estes malfeitores? Afinal você é um perito no assunto, não é?

O delegado dando leve sorriso reforçou:

— É detetive Hector. Porque não descreve como pega-los?

Todos olharam para o detetive que ficou sem graça, e ele voltou sentar-se em seu lugar. O delegado voltando a olhar para todos perguntou:

— Alguém tem mais alguma objeção?

Ninguém respondeu, pois o silencio havia tomado conta daquela sala. E o delegado vendo como resposta um não disse:

— Ótimo. Então prestem atenção. Esse jovem está aqui para nos ajudar. Ele é um garoto muito especial. Um gênio. Quero que todos vocês mantenham isso em segredo absoluto. Então seja qual for à informação que ele pedir a um de vocês, eu quero e ordeno que deem a ele. E quero que ele fique sob total sigilo, ninguém deve saber que ele está aqui. Ninguém. Entenderam?

O silencio de todos afirmou que sim. E o delegado se virando para Eric perguntou:

— Você quer fazer alguma pergunta a eles Eric?

— No momento não.

— Tudo bem. Então vamos mostrar a você o que está acontecendo, e como está acontecendo.

— Estou ouvindo.

— Detetive Helena apague as luzes e mostre o que temos.

— Sim senhor.

A detetive levantou-se de sua cadeira e foi em direção do interruptor. Ao apagar as luzes, a detetive ligou um aparelho de Datashow

que se encontrava atrás das fileiras de cadeiras. Ela ajustou o foco no quadro branco e foi caminhando até parar ao lado de Eric dizendo:

— Sente-se no onde eu estava Eric. Não faz sentido você ficar de pé nesse momento.

— Como se chama detetive?

— Helena.

— Tem razão detetive Helena. Não há motivo para eu ficar de pé. – disse Eric indo em direção ao lugar que a detetive desocupou.

Ela olhou para os detetives e perguntou:

— Alguém, por favor, pode ir lá trás e passar os slides enquanto eu descrevo o caso?

Um dos detetives se levantou e foi em direção do notebook que se encontrava ao lado do Datashow para operá-lo. A detetive agradeceu a colaboração do detetive. E antes de iniciar a apresentação do caso ela disse a Eric:

— Se tiver alguma dúvida pode perguntar está ok?

— Sim. Prossiga.

Pasmada com o modo de Eric falar, ela começou:

— Bem como já sabe há dez anos estamos tentando pegar uma quadrilha de assaltantes. E até agora não temos nenhuma pista de como pelo menos começar a procura-los. Então vou expor a você apenas o que sabemos. – a detetive olhou para o outro detetive atrás do notebook e disse: — Pode mostrar a primeira imagem.

Aparecendo a primeira imagem Eric viu um resumo de um relatório pericial, onde continha apenas os fatos mais importantes

descritos pelas vítimas dos roubos. E então a detetive começou sua explicação dizendo:

— O que conseguimos apenas perceber nesse caso, é que todos os roubos ocorreram em estacionamentos de shoppings e mercados grandes. E o que é mais incrível é que todos esses lugares têm guaritas nas entradas onde o cliente para seu carro antes de entrar no local. Visto que, serve para que os guardas, da guarita, entreguem aos clientes um papel ou cartão com um número descrito, para ser entregue na saída depois. Pois, se o cliente não apresentar um desses documentos na saída será detido por suspeita de roubo. O que não conseguimos entender, é que, como o ladrão, ou ladrões dos veículos conseguem passar pelas saídas que há nesses locais sem o documento que está em posse do cliente dentro do prédio?

Eric com seu semblante sério e pensativo perguntou:

— A contagem desses cartões foi feita na investigação?

— Sim, todos os números sequenciais do total de carros estavam completos. O que é muito estranho. – a detetive fez uma pausa e concluiu:  
— É como se o carro roubado tivesse desaparecido por mágica.

— Interessante. – disse Eric pensativo.

O delegado curioso perguntou:

— Percebeu algo de estranho Eric?

— Sim, talvez algo que vocês não perceberam. Mas ainda não tenho certeza. Prossiga.

A detetive continuou:

— Tentamos ver se tinha alguma relação entre os carros. Ver se todos os veículos roubados eram do mesmo modelo. Mas, pelo que vimos, todos eram de modelos diferentes. Interrogamos os guardas com o propósito de saber se houve algum movimento suspeito antes dos roubos. Mas para nossa frustração eles disseram que não, que o movimento

esteve normal. O que dificultou mais ainda o caso. Não podíamos ter a descrição de nenhum suspeito, nos levando assim num beco sem saída.

Eric mais uma vez pensativo perguntou:

— Os modelos dos veículos são aproximadamente de que ano de fabricação?

— Todos são de três anos para trás.

— Carros populares? Digamos classe B ou C?

— Exato. – disse a detetive assombrada.

Todos na sala começaram a sussurrar e o delegado Harter que estava de pé, ao lado da detetive, deu um leve sorriso dizendo:

— Eric seu malandro. Nem começou a investigar o caso e já sabe até que tipos de carros foram roubados. Como sabia que eram dessas classes?

Ao ouvirem a pergunta do delegado a sala voltou a ficar em silêncio. E Eric com seu semblante sério respondeu:

— Talvez haja uma lógica para serem carros dessas classes. Mas ainda não tenho certeza.

E o delegado curioso voltou a perguntar a Eric:

— E que lógica seria essa?

— Carros de classe A geralmente são mais difíceis de roubar. Seus sistemas de segurança na época em que estamos são mais complexos. Algumas empresas fabricam esses carros com chaves codificadas de leitura ótica por computador, ou seja, se a chave não tiver o código correto, automaticamente o veículo acionará o sistema de segurança travando todas as portas e o contato de ignição disparando o alarme. Outras empresas fabricam

com mesmo tipo de sistema, mas, tem uma tecnologia adicional. Para ligar o carro não se precisa da chave, precisa-se que o motorista tenha o código de ignição que possui quatro dígitos ou mais. Assim, se o motorista não tiver o código consigo o carro jamais irá dar a partida. Existem outros tipos de sistemas, mas esses são os mais comuns. Por isso que eu penso que os ladrões não estão roubando esses tipos de carros.

Todos impressionados olharam para Eric. Ninguém acreditou no que tinham acabado de ouvir. E o delegado com seu sotaque russo perfeito e um leve sorriso no rosto disse:

— Impressionante! Você sabe mesmo como perceber as coisas. Genial. Vamos aplaudi-lo pessoal.

E todos sem hesitar começaram a aplaudir Eric. Todos estavam fascinados com que Eric acabara de fazer. E feliz por aquilo estar acontecendo, Eric agradeceu com sorrisos. Ele nunca imaginou que chegaria a tal ponto. Era um dia histórico. Um dia que jamais deixaria de ser lembrado por Eric.

Todos terminaram de aplaudir e Eric falou:

— Obrigado a todos. Mas, tudo que eu fiz aqui eu peço a todos vocês que mantenham isso em segredo. Peço, por favor, que se eu descobrir algo de importante nesse caso foi vocês que descobriram. Não eu. Está bem?

O delegado concordando perguntou aos detetives:

— Todos de acordo senhores?

E todos balançando a cabeça afirmaram que sim. Tudo seria mantido em segredo com eles. Eric jamais seria revelado. Pois, sua inteligência não poderia ser revelada para o mundo. Seria perigoso demais.

Com tom de encerrar o assunto, Eric fez uma pergunta a detetive:

— Há mais imagens para serem mostradas detetive?

— Não. Pelo que ocorreu aqui não será mais necessário.

— Bem, eu já tenho uma ideia de como dar o primeiro passo. Mas só quero revelar isso amanhã. Tudo bem se for assim delegado?

— Claro! Por mim está ótimo.

— Então está ótimo. Eu preciso ir. Minha mãe não sabe que estou aqui. Ela deve estar preocupada.

O delegado Harter se oferecendo disse:

— Deixe que eu mesmo o levo.

— Obrigado delegado. – Eric se levantando e olhando a todos disse: — Então até amanhã pessoal. Vereemo-nos no nosso primeiro dia de investigação juntos. – disse Eric despedindo-se com seu semblante sério.

Todos se despediram de Eric que deixava a sala com o delegado Harter. E o delegado com tom de animação disse a Eric:

— Estou vendo que vocês vão se dar muito bem.

— Assim eu espero delegado.

— Ah! Vai sim. Você vai ver. E não se preocupe, tudo que você me pediu será resolvido amanhã mesmo.

— Tenho que estar na aula amanhã.

— Por quê?

— Preciso informar meus amigos sobre o fato de eu ficar alguns dias longe do colégio. E convencer é claro a diretora Eliandra a me autorizar ficar nesse caso.

— Com certeza eles vão entender. Principalmente os seus amigos.

— Assim espero. Não quero que eles pensem que estou

deixando eles de lado.

— Tenho certeza que isso não irá acontecer. Fique tranquilo.

Os dois entraram no elevador e logo em seguida deixaram o prédio da delegacia rumo à casa de Eric.

## CAPITULO X

A temperatura havia caído um pouco lá fora, enquanto Eric saboreava o jantar que sua mãe acabara de preparar. Mergulhado mais uma vez em seus pensamentos, Eric organizava em sua mente como iria iniciar sua investigação no dia seguinte depois da aula. E pensava consigo mesmo o que iria dizer a seus amigos sobre sua participação no caso.

Após ter terminado seu jantar e agradecido sua mãe, Eric subiu as escadas em rumo ao seu quarto. Abrindo a porta Eric acendeu a luz e viu que sua janela estava aberta para a escuridão da noite. Eric a fechou e foi em direção a mesa de seu computador. Enquanto aguardava pacientemente o computador ligar, ele olhou atrás de si e viu a bagunça que estava o seu quarto. Com um leve sorriso teve o seguinte pensamento: *“Algumas coisas nunca mudam”*. Voltando a olhar seu computador Eric pegou o mouse e abriu o ícone da internet que sozinho abriu um site de pesquisa. Para passar o tempo, Eric começou a pesquisar tudo relacionado à física quântica. Num momento repentino o telefone sem fio ao lado de seu computador começou a tocar. Eric pegando o telefone atendeu dizendo:

— Alô?

— Oi amigão!

— Oi Jorge. Tudo bem?

— Na verdade não.

— O que houve?

— Não consigo responder a última pergunta de química. Será que você pode me dar uma forcinha?

— Claro que posso meu caro amigo. Descreva.

— Olha, eu sei que eu estou na oitava série e tudo mais. Mas, o que significa essa palavra descreva?

— Fale.

— Ah! Só isso?

— Sim.

— Que coisa né? Uma palavra tão complicada tem um significado tão simples.

— Pois é. Agora descreva a pergunta Jorge.

— Ah! Sim. A pergunta, é claro. O que é uma substância elementar?

— É toda substância que é composta de um mesmo elemento da tabela periódica.

— Me dá um exemplo aí.

—  $O_2$ ,  $O_3$  e todas que forem parecidas com essas formulações.

— Entendi! Valeu Eric. Você é um amigo.

— Disponha.

Jorge desligou do outro lado e Eric fez o mesmo voltando a ler em seu computador os assuntos da física quântica.

No dia seguinte, Eric encontrou seus amigos no meio do



pátio do colégio conversando. Ele se aproximou e perguntou:

— De que assunto se trata essa conversa?

— Marcos disse que passou perto da diretoria e ouviu a professora Melina comentar com a diretora que ela ia fazer uma prova surpresa de química. — respondeu Juliana.

— E presumo que a prova seja hoje?

— Exato. — disse Marcos apavorado com a notícia.

Jorge estando na mesma situação disse:

— E agora? O que vamos fazer? Eu não estudei o suficiente.

Eric com seu semblante sério disse:

— Façam o que vocês souberem primeiro. Deixem as que não souberem por último. Isso ajuda na concentração.

— Ah! É fácil pra você falar né espertalhão. Sabe tudo agora. — disse Jorge fazendo uma careta.

— Eu não sei tudo Jorge. Só estou com minha capacidade de raciocínio mais rápida. Apenas isso. Minha sabedoria é maior por causa desse fato.

— Ta, ta, ta... Eu sei disso.

— Se acalme Jorge. Faça o que eu digo e vai dar tudo certo.

— E se você me passar uma colinha, que tal?

— Nós dois sabemos que isso não será possível. É noventa e nove por cento de chance de sermos punidos com um zero. E o que você prefere? Zero ou uma nota, mesmo sendo baixa?

— É tem razão.

O sinal tocou, e todos no pátio começaram a andar em rumo as suas salas. E antes que os quatro também o fizessem, Eric falou mais uma vez:

— Façam o que souberem primeiro e vai dar tudo certo.

E então os quatro foram para a sala.

[...]

O delegado Harter estava em sua mesa organizando alguns papéis quando um detetive abriu a porta de sua sala e perguntou:

— Mandou me chamar senhor?

— Sim detetive Hector, mandei sim. Sente-se, por favor.

O detetive Hector era um homem de altura um e setenta e cinco, era jovem, tinha vinte e cinco anos, com olhos azuis, cabelos escuros e uma aparência de executivo.

Ele se sentou e o delegado Harter começou a falar:

— Eu estive pensando sobre os acontecimentos de ontem e cheguei a uma conclusão.

— Que conclusão senhor?

— Não foi nada agradável o que você fez com Eric ontem. Mas, na sua posição talvez, eu teria feito o mesmo. Então para acertamos tudo isso, eu decidi... Que Eric e você sejam parceiros nessa investigação.

— Desculpe senhor. Mas, eu não posso aceitar isso. Ele...

— Ele nada detetive. Não estou pedindo um favor. Estou mandando você fazer tal coisa. Será que agora eu fui claro?

— Sim senhor.

— Ótimo. Hoje tenho muitas coisas para colocar em ordem. Estarei ocupado o dia todo. Então, eu quero que você o recepcione e já comece a fazer o que eu mandei. Entendeu?

— Sim senhor.

— E mais uma coisa.

— O que senhor?

— Estarei de olho em você Hector. Se eu souber que você desobedeceu minha ordem, vai se arrepender.

— Sim senhor.

O delegado olhou para sua mesa e falou:

— Tudo bem então detetive, pode sair agora.

— Sim senhor.

O delegado Harter acompanhou com os olhos o detetive se levantar e deixar a sala. Encostando a porta do delegado pelo lado de fora, o detetive Hector foi em direção de sua mesa. Passando perto de um colega seu de trabalho ele ouviu:

— E aí? Aposto que foi promovido para algum cargo importante. – disse num tom de sarcasmo leve.

E o detetive Hector respondendo com seu semblante normal, respondeu:

— Pode ser.

[...]

No colégio Latércio Montes, o horário de aula havia terminado, Eric e seus amigos sozinhos na sala com a professora Melina se preparavam para sair. Foi um longo dia de prova. Menos para Eric que em menos de dois minutos havia terminado a prova enquanto todos levaram mais de duas horas para termina-la.

Saindo da sala, Eric e seus amigos conversavam tudo sobre o que eles tinham feito na prova. E Jorge indignado disse em tom de pergunta:

— Porque hoje? Porque justo hoje?

Eric para tentar reanima-lo perguntou:

— Calma Jorge. Quantas questões você sabia fazer?

— Metade eu acho.

— Então não há com o que se preocupar. Se você sabia fazer metade do que estava lá, com certeza nas outras questões você teoricamente pode ter ido bem também.

— Pra você é fácil falar né sabichão. Terminou a prova em menos de dois minutos. – disse Jorge com uma careta.

Juliana cortando o assunto perguntou:

— Aquele lá não é o delegado que estava investigando o caso da caixa que foi roubada aqui no colégio?

Eric olhou para frente e viu o delegado conversando com a diretora a poucos metros deles. E respondendo à pergunta de Juliana disse:

— É ele.

Juliana tornando a perguntar falou:

— Será que eles já acharam algum suspeito?

Eric escutando essa pergunta se lembrou que uma hora ou outra ele teria de contar aos seus amigos o que estava acontecendo. Sem perder mais tempo Eric começou a falar:

— O caso já foi resolvido á três dias atrás.

Jorge impressionado disse:

— Puxa! A polícia agiu rápido. Nunca vi um caso assim ser solucionado tão rápido. Os tempos estão mudando.

— Não foi à polícia que resolveu o caso Jorge fui eu.

Os três olharam para Eric com assombro em suas faces e Marcos falou:

— Que? Foi você que resolveu o caso, será que eu ouvi bem?

— Sim Marcos, você não está com problema de audição.

Jorge incrédulo perguntou:

— Desde quando virou detetive?

— Não virei detetive Jorge, apenas ajudei no caso.

— Não, você não ajudou no caso. Você resolveu o caso. Foi esse o assunto tão importante que você foi resolver na diretoria naquele dia?

— Sim foi.

Juliana admirada perguntou:

— Porque não contou pra gente?

— Porque não era a hora ainda. Eu ia fazê-lo hoje.

Jorge indignado perguntou:

— A não era a hora certa? Quer dizer que seus amigos agora têm hora certa pra se contar as coisas?

— Não é nada disso Jorge. Eu não contei porque não podia contar. Era um assunto sigiloso.

Marcos tentando acalmar todo mundo falou:

— Calma aí gente. Ele acabou de falar que ia contar. Sem estresse.

Jorge e Juliana se olharam. Concordando Juliana disse:

— Tudo bem Eric, não faz mal. Sabemos que você não ia deixar a gente de lado.

— Claro que não pessoal. Vocês são meus melhores amigos. Mas mesmo assim, eu sinto muito por não ter contado antes.

— Ah! Tudo bem amigão. Como o Marcos disse, sem estresse. Não vamos brigar por uma coisa tola. – disse Jorge.

Eric sorriu e disse:

— Obrigado pessoal.

— Que isso Eric. Esquece. – disse Marcos.

— Aproveitando que estamos nesse assunto eu queria contar uma coisa a vocês.

— Pode dizer amigão. – disse Jorge.

— Eu agora estou em outro caso. E dessa vez é um caso grande. E por conta disso vou ficar uns dias fora do colégio.

Os três se olharam novamente e dessa vez não houve espanto. Todos olharam Eric novamente e Marcos falou:

— Fica frio Eric amigão. A gente entende o que você está fazendo. Não é pessoal?

Jorge e Juliana disseram:

— Claro que sim, por que não entenderíamos?

E para complementar a fala, Juliana disse:

— Estamos felizes por ter nos contado isso.

Eric com um leve sorriso disse a eles:

— Sinto-me aliviado por ouvir isso.

— Sabemos que você só está querendo usar sua sabedoria para o bem. Pois eu te apoio totalmente amigo. – disse Marcos com um sorriso.

— Nós também. – disseram Jorge e Juliana.

— Obrigado pessoal.

— Isso tá até parecendo filme de super-herói, hehe... – disse Jorge rindo.

Eric e os outros riram também.

Parando perto deles o delegado Harter com um sorriso perguntou:

— Posso participar da piada também?

Eric com seu leve sorriso respondeu:

— Claro! Pode sim.

Os amigos de Eric olhando para o delegado disseram:

— Olá delegado.

— Olá pessoal.

Eric relatou ao delegado tudo o que eles conversaram. E o delegado contente com o que tinha acabado de ouvir disse:

— Eric tem muita sorte de ter amigos como vocês. Amigos que não revelaram seu segredo para os outros. Isso que é uma amizade de verdade.

Os três agradeceram. Tornando a falar o delegado disse:

— E não se preocupem meninos, Eric estará seguro comigo. Quando vocês quiserem ir vê-lo depois da aula, vão até o vigésimo segundo distrito da polícia e subam no terceiro andar.

Jorge com sua pose de rico disse:

— Não se preocupe delegado. Quando eu tiver um espaço na minha agenda farei isso.

Juliana sarcástica disse a Jorge:

— Você nem tem agenda senhor Bill Gates.

O delegado e os meninos caíram na risada vendo aquela situação. Jorge com certeza não levava jeito com as coisas. Mas todos gostavam dele por ele ser assim.

Voltando a falar, o delegado Harter disse a Eric:

— Já conversei com a diretora e ela deu autorização para você ficar o tempo que quiser fora do colégio.

— Então só vai ficar faltando a minha mãe.

— Não Eric. Ela já foi avisada e também autorizou. Agora está tudo resolvido, já pode investigar o caso tranquilamente.

— Ótimo então. Temos de começar hoje mesmo.

Eric olhando mais uma vez seus amigos disse:

— Bom, agora eu tenho que ir. Mais uma vez obrigado por terem compreendido.

— Fica frio amigão. Você é nosso brother. – disse Marcos sorrindo.

Juliana indo até Eric deu um beijo em seu rosto e disse:

— Toma cuidado Eric.

Sentindo sua espinha congelar Eric disse:

— Pode deixar.

— Se precisar de nossa ajuda, pode contar conosco. – disse Jorge.



— Pode deixar farei isso.

Comovido o delegado disse:

— Bom, foi um prazer conhece-los.

E os amigos de Eric agradeceram. Voltando a falar o delegado perguntou a Eric:

— Vamos?

— Vamos delegado.

Eric e o delegado se despediram dos três e foram em rumo à saída do colégio. Ao entrarem no carro Eric perguntou:

— Está pronto para pegar aqueles bandidos?

Colocando a chave no contato o delegado respondeu:

— Sim senhor general. Eu estou. Vamos brincar.

— A vontade soldado.



## CAPITULO XI

O movimento da delegacia no térreo estava calmo. Eric e o delegado entraram no elevador e ficaram em silêncio por alguns minutos até Eric perguntar:

— Alguma novidade sobre o caso que eu deva saber?

— Ainda não. Mas estamos todos ansiosos para saber a sua ideia para dar o próximo passo.

— Certo.

— Ah! Uma coisa Eric. Você irá trabalhar com o detetive Hector.

— É o detetive que me questionou ontem? – perguntou Eric fingindo que não sabia quem era.

— Sim, ele mesmo.

— Você vai estar muito ocupado eu aposto?

— Exato. Ainda tenho que colocar muita coisa em ordem. Você não se importa não é?

— Claro que não delegado. Pode ficar tranquilo.

— Se ele desrespeitar você me avise.

— Acho que não será necessário. Sei que vamos nos dar muito bem.

— Que bom Eric. Eu espero que sim. – o delegado fez uma pausa e acrescentou: — Sobre você ter total liberdade no andar, você terá toda. Já resolvi isso.

— Ótimo. Agradeço pelo favor.

— Não agradeça. Você vai mesmo precisar disso.

As portas do elevador se abriram e os dois saíram rumo à sala do delegado. Os dois entraram na sala e o delegado falou:

— Vou chamar o detetive Hector. Espere aqui.

— Está bem.

O delegado saiu e Eric ficou olhando a sala ao redor. Viu que estava mais organizada do que o dia anterior. Mas não estava tanto. Havia muita coisa para arrumar. Vendo aquilo tudo Eric pensou: *“Pelo menos temos algo em comum.”* Andando um pouco pela sala, Eric ficou mergulhado em seus pensamentos, em seus raciocínios lógicos. Olhando o trânsito pela única janela lateral Eric ouviu a porta abrir atrás dele. Ele olhou e viu o detetive Hector e o delegado entrarem na sala. Com seu sotaque russo perfeito o delegado Harter falou:

— Bom, sente-se os dois, por favor.

Os três se sentaram e o delegado começou a falar:

— De hoje em diante, vocês dois vão começar a trabalhar juntos nesse caso. E como Eric é bom em perceber as coisas, não será necessário que os outros detetives ajudem no caso. Então, o caso é só de vocês agora. Entendido?

Eric com seu semblante sério concordou dizendo:

— Pra mim está ótimo.

O detetive Hector fazendo o mesmo disse:

— Sem problema delegado. Acho que vou gostar de trabalhar com Eric.

— Que bom ouvir isso detetive Hector. – disse o delegado com um leve sorriso.

O delegado pegando o telefone falou:

— Vou convocar mais uma reunião com os detetives para

sabermos qual é a ideia de Eric.

Eric concordando disse:

— Faça isso. Será mesmo necessário.

Depois de digitar alguns números o delegado falou com alguém na outra linha dizendo:

— Convoque todos para uma reunião agora. – desligando logo em seguida.

Guardando algo na gaveta o delegado disse:

— Vamos para sala de reunião.

E os três deixaram a sala. Chegando a sala de reuniões, os três entraram e ficaram de pé no fundo da sala aguardando todos do andar entrar na sala. Após todos terem entrado na sala e se acomodado o delegado iniciou seu discurso:

— Boa noite a todos. Estamos aqui reunidos para deixar claro mais alguns pontos no caso da quadrilha de assaltantes de carros. E para saber também que ideia Eric teve para darmos mais um passo nessa investigação. Quero colocar também, que Eric e o detetive Hector serão os principais investigadores desse caso. Então, se um deles necessitar de alguma informação de vocês ou tarefa, façam. Entendido até aqui pessoal?

O silêncio de todos afirmou que sim. Dando uma última palavra o delegado disse:

— Ótimo. Então agora a fala será de Eric. Eric meu jovem fique à vontade.

— Obrigado delegado. – Eric fez uma pausa e começou seu discurso: — Como sabemos os ladrões não estão roubando modelos de carros classe A pelo fato de seus sistemas de segurança serem muito complexos e que tentar roubá-los seria desperdício de tempo. O que nos leva a deduzir que carros de classe menor foi a opção deles. Mas isso não

prova que eles não vão tentar roubar um de classe alta. O que devemos fazer agora é procurar a fonte do início dos roubos.

Um dos detetives que estava sentado no fundo perguntou:

— E como faremos isso?

— Não se preocupem, não será necessária no momento a ajuda de vocês. Por enquanto. E eu e o detetive Hector é que daremos o próximo passo. Que na verdade é muito simples.

O mesmo detetive que havia perguntado fez outra pergunta:

— É, e qual é o próximo passo?

— Encontrar um chaveiro.

— Você deve tá de brincadeira né meu jovem. – disse um detetive no meio da sala.

Advertindo a fala do detetive, o delegado falou:

— Mais respeito com Eric detetive. Toma cuidado com que fala.

— Desculpe senhor.

— Pode prosseguir Eric. – disse o delegado.

— Eu sei que, o que acabei de falar parecer bobagem. Mas, é provável que nos dias em que ocorreram os roubos deveria ter havido um chaveiro por perto. Que com certeza é cúmplice de toda essa trama. Então, para começar, eu e o detetive Hector vamos interrogar mais uma vez os guardas dos locais dos roubos.

O delegado animado com que ouviu disse sorrindo:

— Vou acabar entregando meu cargo pra você Eric. Isso é brilhante!

— Obrigado delegado. Só estou aqui para ajudar.

Eric não falando mais nada, o delegado Harter perguntou:

— Tem mais alguma coisa para ser colocado Eric? – perguntou o delegado.

— Não delegado. Por hora é isso. Mas estarei atualizando os fatos pra você, pode ficar tranquilo.

— Está bem então. Aplau...

Eric interrompendo a fala do delegado disse:

— Dessa vez sem aplausos delegado. Já fui homenageado o bastante por ontem.

— Oh! Está bem. – o delegado olhou para os detetives e falou: — Reunião encerrada pessoal. Podem voltar a seus afazeres.

Todos se levantaram e foram saindo da sala. Eric olhando seu relógio disse ao delegado:

— Ainda falta duas horas para eu estar em casa, então quero aproveitar o tempo e interrogar os guardas agora.

— Está bem Eric. Fique à vontade para fazer o que quiser. Bom, agora eu tenho que ir para minha sala organizar uns assuntos.

— Certo. Vamos iniciar detetive Hector?

— Agora mesmo Eric.

— Então vamos! Até mais delegado.

— Até mais Eric. E Hector...

— O que senhor?

— Cuide do garoto. Ele está sob sua responsabilidade agora.

— Sim senhor. Vamos Eric!

Eric e o detetive Hector deixaram a sala rumo ao elevador. Ao entrarem no elevador as portas se fecharam e o detetive Hector perguntou:

— Em qual lugar iremos primeiro?

— O mais próximo daqui.

As portas se abriram e os dois saíram do distrito em direção ao carro de Hector. Entrando no carro o detetive Hector começou a conversar com Eric:

— Diga-me Eric, qual a sua idade?

— Dezesesseis.

— Está em que ano da escola?

— Oitava.

— Como se chama a sua mãe?

— Ana.

— E seu pai?

— Não tenho. Perdi-o num acidente de carro. Mas, não quero falar disso.

— Não, claro que não. Eu compreendo.

— Há quanto tempo está na polícia detetive? – perguntou Eric.

— Cinco anos.

— E gosta do que faz detetive?

— Gosto. Sonhei minha vida inteira ser detetive.

— Lia muito os romances policiais, aposto?

— Com certeza. Minha autora preferida era Agatha Christie.

— É a minha também.

— Verdade? E qual foi o livro que você mais gostou?



— A morte nas nuvens.

— Sério? O que eu mais gostei foi do Assassinato no expresso para o oriente.

— Esse é muito bom também.

— Gosta de cinema Eric?

— Gosto sim, bastante.

— Que tipos filmes são os seus preferidos?

— Ficção científica.

— Eu já sou mais de suspense.

— Entendo.

— Olha Eric. Eu queria me desculpar por ontem. No fundo vi que você é um cara legal.

— Tudo bem detetive. Não guardo rancores.

— Que bom. Continue assim que você vai longe. Não vale a pena perder a cabeça por essas coisas.

— Obrigado pela dica.

— Que nada. A vida é uma lição. Estamos sempre aprendendo a vive-la.

— Está certo quanto a isso detetive.

Depois de alguns minutos de viagem, eles chegaram a um hipermercado grande. O detetive Hector parou o carro em frente a uma das guaritas das entradas do local e um guarda entregou-lhe um cartão. O detetive logo em seguida entrou com o carro e estacionou em uma vaga qualquer. Eric e o detetive desceram do carro. Após o detetive ter trancado o carro, eles foram em direção a uma das guaritas. Ao se aproximarem da guarita, o detetive Hector mostrou sua identidade policial a um dos guardas e perguntou:

— Quem de vocês estava no dia de um dos roubos de carro que ocorreu aqui?

Um guarda baixo respondeu ao detetive:

— Foi o Roberto da guarita do outro lado do estacionamento.

O detetive agradecendo disse:

— Obrigado pela sua colaboração.

— De nada.

Hector e Eric deram meia volta e foram em direção da guarita do outro lado do estacionamento. Ao se aproximar da guarita, mais uma vez o detetive Hector mostrou sua identidade e disse a um dos guardas:

— Olá. Eu sou o detetive Hector e esse é meu parceiro Eric. Quem de vocês é o Roberto?

— Sou eu. – respondeu um guarda, pouca coisa mais baixo que o detetive.

— Você já foi interrogado sobre um dos roubos que houveram aqui?

— Sim, já fui sim.

— Estamos aqui para fazer mais algumas perguntas.

— Estamos? Esse garoto é mesmo seu parceiro?

— Sim, algum problema?

— Não seu detetive, nenhum problema. Foi apenas uma pergunta.

— Tudo bem.

— O que o senhor quer saber detetive?

— No dia que houve um dos roubos o senhor se lembra se havia um carro ou moto de chaveiro por perto?

— Teve sim, uma vã. Tinha vindo trocar as fechaduras das portas dos escritórios do mercado.

— Entendo.

Eric aproveitando o fio da meada perguntou:

— E por qual motivo?

— Alguém havia entrado um dia antes e bagunçado tudo enquanto o mercado estava fechado.

— Só os escritórios?

— Sim, só os escritórios.

— Obrigado pela sua colaboração Roberto.

— De nada meu jovem. Qualquer coisa que precisarem para investigação de vocês, podem vir falar comigo.

— Obrigado, ficamos agradecidos. – disse o detetive.

Eric e o detetive mais uma vez deram meia volta e foram caminhando até o carro. Mas, antes de chegar lá Eric pensou um pouco e falou:

— Precisamos ir aos escritórios da gerência desse lugar agora mesmo.

— Por quê?

— Tenho que fazer umas perguntas ao gerente sobre o relato do guarda.

— Está bem então. Vamos lá!

Eles desviaram o curso e foram caminhando até a entrada do mercado. Ao entrarem Eric perguntou a um dos seguranças do lugar:

— Onde fica a gerência?

O segurança apontou o dedo para um lado dizendo:

— No fim daqueles caixas à direita.

— Obrigado.

— Disponha.

Eric sentia que estava começando a fazer grandes progressos no caso. Sua determinação crescia a cada momento. Eric e o detetive Hector passaram pelos caixas e entraram à direita como o segurança havia falado anteriormente. A entrada dava a um corredor largo e pequeno, que terminava em uma escada que dava para o segundo piso, onde ficava a gerência. Terminando de subir as escadas Eric e Hector foram ao encontro de um balcão que continha três pessoas atrás dele. Ao se aproximarem, Eric perguntou:

— O gerente se encontra nesse recinto?

Um dos funcionários olhou e respondeu:

— Tem hora marcada garoto?

O detetive Hector mostrando sua identidade policial disse:

— Somos investigadores e queremos falar com o gerente agora.

O funcionário assustado disse:

— Sim senhor. Espere um momento, por favor.

— Obrigado.

Enquanto o funcionário ligava para a sala do gerente Eric olhou para o detetive Hector e sussurrou com um leve sorriso:

— Gostei disso. Colocou-o contra parede. Muito bom.

Respondendo com outro sussurro o detetive respondeu:

— Sempre quis fazer isso.

E os dois deram uma leve risada baixa.

O funcionário voltando a falar com eles disse:

— Ele vai recebe-los agora. Podem entrar. É por ali. – disse o funcionário apontando com o dedo.

O detetive agradecido disse:

— Obrigado pela sua colaboração.

— De nada senhor.

Eric e o detetive entraram na sala do gerente e ele de pé cumprimentando-os, ofereceu-lhes uma cadeira para sentar em frente a sua mesa. Era um homem bem arrumado, de semblante sério, estatura mediana, com palito azul escuro fechado e uma gravata vermelha com detalhes em branco. Os três se sentaram e o gerente perguntou:

— A que devo a honra dessa visita?

O detetive respondendo à pergunta do gerente disse:

— Só viemos fazer algumas perguntas.

— E sobre o que seria?

— Sobre alguns roubos que ocorreram aqui.

— Ah sim. O caso da quadrilha de assaltantes de carros não é?

— Exatamente.

— Então me diga o que querem saber.

O detetive olhou para Eric e falou:

— Ele é todo seu.

Eric olhando com seu semblante sério e pensativo, perguntou ao gerente:

— Diga-me...?

— Rodrigo.

— Diga-me Rodrigo, é verdade que uns dias antes de um dos roubos, entraram nas salas desse piso e bagunçaram tudo?

— É verdade sim. Está correto.

— E houve arrombamento?

— Não. O assombroso de tudo isso é que não houve nenhum arrombamento. Por isso chamamos um chaveiro e mandamos trocar todas as fechaduras. Já é a terceira vez em três meses. A cada mês esses espertinhos fazem isso só pra se aparecerem, eu acho.

— Interessante. — Eric fez uma pausa e continuou: — E quem você acha que fez isso?

— Ah! Eu acho que os bandidos, ou seja, lá quem for devia ter uma chave mestre. O que não faz sentido é eles terem bagunçado tudo e não terem levado nada. Deve ser algum tipo de brincadeira de muito mau gosto.

— Nisso você está coberto de razão Rodrigo. — disse Eric com seu semblante sério.

— Ta. Mas, o que isso tem a ver com o caso?

Eric fazendo seu contorno imperceptível de frase respondeu:

— Talvez nada. É apenas rotina de investigador.

— Sei. Vocês têm mais alguma pergunta para fazer? Pois eu estou meio atrasado.

— Sim, mais uma pergunta. — respondeu Eric.

— Exponha.

— Quem é que tranca essas salas antes do mercado inteiro fechar?

— Os seguranças.

— E por acaso por esses dias alguém deles pediu as contas ou foi demitido?

— Sim, dois deles. Um porque a mãe morreu não sei aonde. E o outro porque ia se mudar para outra cidade.

— Muito obrigado Rodrigo. O senhor ajudou muito. Desculpe termos tomado o seu tempo. – disse Eric se levantando com o detetive Hector.

— Disponha. Até logo rapazes.

— Até logo. – disse Hector deixando a sala com Eric.

Os dois deixaram o mercado e foram em rumo ao estacionamento. Ao irem se aproximando do carro, Eric com um leve sorriso disse:

— Esses caras são bons. Mas não o suficiente para Eric Bruce.

O detetive olhando para ele sorriu balançando a cabeça dizendo:

— Você é uma figura.

— Obrigado.

Entraram no carro e Hector fez uma pergunta antes de eles saírem do local:

— Para onde vamos?

— Delegacia.

— Não vai querer interrogar os outros guardas, de outros locais?

— Não será mais necessário.

— Você é que sabe.

O detetive Hector ligou o carro e então saíram em rumo à

delegacia.



## CAPITULO XII

Abrindo as portas do elevador, Eric Bruce e o detetive Hector estavam no terceiro andar mais uma vez. O andar dos roubos e homicídios. Acompanhando o detetive Hector até a sala do delegado Harter, Eric disse:

— Hoje só tenho tempo para mais uma tarefa.

— E qual é?

— Pedir todos os relatórios dos roubos e analisa-los. Preciso ver se há alguma semelhança neles.

— E que semelhanças são essas?

— O chaveiro.

— Mas Eric não tem nenhuma menção de chaveiro naqueles relatórios, eu já os li.

— Não Hector, eu sei que não. Mas estará mencionado de uma forma que vocês não viram.

Hector olhou para Eric com expressão de concordância e disse:

— O investigador é você doutor. Você manda.

Eric abriu a porta da sala do delegado e perguntou:

— Posso entrar delegado?

O delegado sentado atrás de sua mesa olhou para Eric com um sorriso e disse:

— Eric meu jovem, entre. Pode entrar.

— Como vai a bagunça?

O delegado dando uma risada respondeu:

— Bagunçada, haha... Mas diga o que tem pra mim?

— Por enquanto só vou precisar que faça um favor.

— Ah! Certo. Pode pedir.

— Preciso que você me de todos os relatórios dos roubos. Isso é possível?

— Claro que sim! Espere um momento.

Pegando o telefone o delegado digitou alguns números e falou com alguém na outra linha:

— Traga-me todos os relatórios do caso.

Ouvindo alguém perguntar do outro lado da linha o delegado respondeu:

— Esse mesmo. E agora. – desligando em seguida o telefone.

— Obrigado delegado. – disse Eric.

— Que nada. Você é um investigador agora.

— Você é quem manda delegado. – disse Eric com leve sorriso.

— Está conseguindo fazer progressos Eric? – perguntou o delegado com um leve sorriso.

— Resumindo. Grandes.

— Que bom. Quero pegar esses cana...

Eric interrompendo o delegado disse:

— Controle-se delegado.

— Ah! Desculpe-me. Não quis ir tão afundo assim. Me empolguei.

— Deixe essa empolgação para o final.

— Tem razão.

Abrindo novamente a porta da sala, um detetive entrou com um montante de papéis sobre os braços. Deixando em cima da mesa do delegado o detetive falou:

— Aqui está delegado.

— Obrigado. Pode ir.

O detetive deixou a sala e Eric disse:

— É a coisa é séria.

— Você nem imagina. – disse o detetive Hector sentado ao seu lado.

Eric pegando apenas alguns daqueles relatórios fez o delegado fazer uma pergunta a ele:

— O que está procurando meu jovem?

— Uma semelhança.

— Que semelhança?

Concentrado Eric respondeu:

— Aquela que vocês não perceberam.

Após ter se passado alguns minutos de silêncio, Eric falou:

— Eu sabia. Peguei vocês seus burros.

Hector e o delegado Harter não entendendo nada daquilo, perguntaram juntos:

— O que foi? O que você achou?

Eric com seu leve sorriso sarcástico e misterioso apenas respondeu:

— Em breve vocês irão saber.

— Que? Conta agora meu. – disse o detetive Hector inquieto.

— Calma detetive. Você vai ter sua resposta. – disse Eric.

O delegado ainda não entendendo nada, falou:

— Bom, se ele ta dizendo que depois conta. Então, ele depois conta.

Eric olhando para o relógio de seu pulso disse:

— Eu teria mais alguns minutos para ficar aqui. Mas, por hoje vai ser o suficiente.

O delegado concordando disse:

— Isso mesmo meu rapaz. Não queremos preocupar sua mãe. Hector leve Eric até sua casa.

— Sim senhor. Vamos Eric!

— Vamos! Até amanhã delegado.

— Até amanhã meu jovem.

Após Eric ter se despedido do delegado, ele e Hector deixaram a sala rumo ao elevador. Antes de chegar ao elevador o detetive Hector disse a Eric:

— Vejo que você está fazendo um bom trabalho. Não vejo a hora de você estar aqui amanhã de novo. Gostei desse seu jeito de investigar. É fantástico.

— Agradeço pelo seu elogio.

— Que nada. Amigo é pra isso mesmo.

Ouvindo essa frase Eric teve o seguinte pensamento: “*Não exagera.*”

Eles entraram no elevador e logo em seguida deixaram o prédio da delegacia indo em direção ao carro de Hector. Entrando

no carro, Hector fez uma pergunta a Eric:

— Por que não quer revelar agora o que você descobriu?

— Porque não é a hora ainda.

— Hora do que?

— De revelar que o caso está quase solucionado.

O detetive incrédulo com o que ouviu perguntou:

— Nós nem começamos a investigar direito esse caso, e você me diz que já está quase solucionado?

— Exatamente. O caso está quase solucionado.

— Olha, eu sei que você é um garoto genial e tudo mais. Mas, não se resolve um caso tirando conclusões...

Eric interrompendo a fala do detetive Hector, perguntou:

— Tirando conclusões precipitadas certo?

— É isso mesmo.

— O delegado me disse isso uma vez. E sabe o que eu respondi?

— O que?

— Um crime não se define com conclusões. Define-se indo em direção de uma resposta significativa.

Pasmado o detetive Hector falou:

— Cara, você deve ser de outro planeta. Você é muito esquisito.

— Obrigado.

O detetive ainda pasmado ligou o carro e deu marcha ré fazendo o carro entrar na rua. Engatando a primeira marcha, silencioso o detetive acelerou e conduziu o carro até a casa de Eric.

Parando na frente da casa de Eric o detetive Hector disse:

— Então, é isso meu amigo.

— Agradeço pela carona.

— Não tem de que. Amanhã de manhã vou passar para te pegar, está bem?

— Está ótimo. Mais uma vez, obrigado.

— De nada.

— Até amanhã então.

— Até amanhã Eric.

Eric desceu do carro e fechou a porta. Pegando a chave em seu bolso Eric sentiu o carro atrás de si ligar e sair para um lado. Abrindo o portão de sua casa, ele entrou e trancou-o novamente. Entrando em casa, sua mãe o recebeu perguntando:

— Como foi o dia na escola filho?

— Ótimo.

— E na delegacia?

— Ótimo também. Eu e o detetive Hector estamos fazendo progressos.

— Eles estão cuidando direitinho de você?

Amorosamente Eric respondeu:

— Sim mãe, estão. Não se preocupe.

— Tudo bem meu filho. Acredito em você.

— O jantar está pronto?

— Sim querido. Já pode se servir.

— Ah! Que bom. Estou faminto.

Eric se serviu e começou a saborear seu jantar. Já estava

ficando escuro e a temperatura começava a cair. E mergulhado em seus pensamentos, Eric analisava os fatos ocorridos no dia.

Após ter terminado seu jantar, Eric agradeceu sua mãe e subiu as escadas rumo ao seu quarto. Ao acender a luz de seu quarto, mais uma vez ele viu que sua janela estava aberta para escuridão da noite. Eric olhou para fora e viu que as estrelas tinham tomado conta do céu. Sentindo um pouco de frio, ele fechou a janela e foi direto para seu computador fazer seus estudos sobre assuntos de nível superior. Pois, seu conhecimento já estava há muito tempo acima da média de uma pessoa normal. Não teria sentido entender outra vez assuntos básicos para ele.

No dia seguinte, Eric acordou abrindo os olhos com a visão direcionada para o teto de seu quarto. Olhando o despertador ao lado de sua cama, viu que faltavam cinco minutos para acionar o alarme. Levantando-se, Eric se sentia determinado para mais um dia na delegacia. Estava se sentindo um herói que ia salvar o mundo de um vilão terrível. Eric com um leve sorriso pensou consigo mesmo: *“Eu serei um herói de verdade.”* Mesmo não tendo super poderes ele sabia que ia ser um. Iria solucionar um dos casos mais difíceis da história da polícia. Vendo que não tinha mais tempo a perder começou a se arrumar.

Descendo as escadas Eric viu sua mãe colocando a mesa e disse:

— Bom dia mãe!

— Bom dia querido!

— Vou tomar café e esperar o detetive Hector. Logo ele estará aqui para me pegar.

— Ta bom querido.

Eric tomou seu café e ficou aguardando a chegada do detetive Hector. Ao ouvir a buzina Eric disse a sua mãe:

— Até logo mãe!

— Até logo querido! Tome cuidado, não se afaste do detetive

Hector, hem?

— Pode ficar tranquila.

Eric pegou suas chaves e saiu pela porta da sala. Abriu o portão e trancou-o ao sair. Eric entrou no carro de Hector e disse:

— Bom dia, como vai Hector?

— Eu vou bem, e você?

— Bem também.

— Está pronto para mais um dia de investigação?

— Estou. E presumo que serão mais dois dias talvez.

— Nossa! Que otimismo. O que você tomou no café da manhã hoje?

— Determinação.

Hector ligou o carro e foi conduzindo-o até a delegacia. No caminho o detetive Hector foi conversando com Eric perguntando:

— Qual será o próximo passo que daremos?

— Encontrar nosso primeiro suspeito.

— E como faremos isso?

— Você vai ver.

— Me deixa pensar. Não vamos agora para a delegacia não é?

— Exato. Vamos voltar aquele hipermercado e bater mais um papinho com o gerente Rodrigo.

— Entendido capitão.

CAPITULO XIII



No caminho para o hipermercado, Eric estava silencioso mergulhado em seus pensamentos sobre seus amigos. Já fazia praticamente dois dias que eles não se falavam. Eric nunca pensou que eles fariam tanta falta naquele momento da vida dele. E Eric se sentia um pouco triste com isso.

O detetive vendo Eric naquele estado de silêncio, perguntou:

— São seus amigos?

— É. Já faz quase dois dias que não os vejo e estou me sentindo esquisito.

— Sente saudade deles?

— Teoricamente sim.

— Você cresceu junto com eles?

— Na verdade, eu os conheço dès da primeira série. Só o Marcos que eu comecei a me dar bem com ele por esses dias. Ele vivia me perseguindo. Foi ele quem me causou o... – Eric parou de falar e pensou um pouco.

— Casou o que? – perguntou o detetive.

— Nada. É bobagem. O que importa é que somos amigos agora.

— Eu compreendo.

Hector e Eric voltaram a ficar silenciosos no caminho para o hipermercado. Por conta de tudo isso Eric estava mais determinado em solucionar o caso o mais rápido possível. E dessa vez era ele quem queria pegar os bandidos. Agora era pessoal.

Após alguns minutos de viagem até o hipermercado, eles finalmente chegaram. Hector estacionou o carro e eles desceram. Indo em direção do mercado Eric perguntou ao detetive:

— Trouxe um bloco de notas?

— Trouxe sim. Estou sempre prevenido.

— Ótimo. Pois vamos precisar.

Entrando no hipermercado, Eric e o detetive Hector foram direto para o piso do segundo andar onde ficava a gerência. Indo ao encontro com o balcão onde ficavam os três funcionários, um deles os viu e pegou o telefone de imediato para avisar o gerente que eles haviam voltado. Desligando o telefone o funcionário disse:

— Os senhores já podem entrar. Acabamos de avisá-lo.

O detetive agradecido disse:

— Obrigado por ter-nos feito esse favor.

— De nada.

Eric dando um leve sorriso sussurrou ao detetive Hector:

— Os senhores. Gostei disso.

O detetive também sussurrando disse:

— Pra ser sincero, eu também.

Entrando mais uma vez na sala do gerente, ele os recebeu como da outra vez, oferecendo-lhes uma cadeira. Os dois se sentaram e o gerente perguntou:

— Vieram fazer mais perguntas?

O detetive Hector respondendo disse:

— Exatamente.

— E o que querem saber dessa vez?

Eric respondendo à pergunta do gerente disse:

— Queremos saber mais detalhes sobre como era o chaveiro que o senhor contratou para trocar as fechaduras dos escritórios. Pode nos descrevê-lo senhor Rodrigo?

— Bom, eu não me lembro de muita coisa, mas acho que posso ajuda-los.

— Por favor, satisfaça-nos com sua descrição.

O gerente admirado com a frase de Eric começou a falar:

— Era um homem da minha altura mais ou menos, tinha uma cicatriz do lado esquerdo do rosto, era jovem, uns trinta anos eu acho. Tinha uma tatuagem atrás do pescoço, era meio moreno, tinha um cavanhaque pequeno no queixo, tinha um porte atlético...

Enquanto o gerente descrevia o perfil do suspeito, o detetive Hector ia anotando tudo em seu bloquinho de notas com um lápis já bastante apontado.

Logo depois que o gerente descreveu todo o perfil do suspeito, Eric fez outra pergunta a ele:

— Você lembra o nome da empresa desse chaveiro?

— Sim, era Kikochaves. Tenho até um cartão deles. Tome pode ficar.

Eric pegou o cartão da mão do gerente e olhou-o. Vendo que achou o que estava procurando, Eric disse:

— Muito obrigado, por nos ter recebido mais uma vez nessa manhã.

— Disponha.

— Até logo então. – disse Eric se levantando junto com o detetive Hector.

— Até logo rapazes.

Eric e Hector deixaram a sala e foram caminhando até as escadas. Descendo elas o detetive Hector com tom de indignação falou meio bravo:

— Eu devia prender esse gerente mentiroso.

Eric levantando uma de suas sobrancelhas olhou o detetive com seu semblante sério perguntando:

— Porque está o chamando de mentiroso?

— Porque ele disse que não lembrava muita coisa de como era o cara, e depois narrou até cor da cueca dele. Aaah! Da licença, que que isso... Vai se dana.

— Se acalme detetive Hector. Não perca a cabeça por essas bobagens.

— É você tem razão. Não vou perder a cabeça por essas bobagens.

Os dois saíram rumo ao estacionamento indo em direção do carro. Ao entrarem novamente no carro Eric com seu semblante sério falou ao detetive:

— Nós vamos pega-los. E dessa vez falta muito pouco.

— É isso aí parceiro. Nós vamos botar pra quebrar.

Hector ligou o carro e saiu do hipermercado conduzindo-o em direção da delegacia. E em cada momento crescia a determinação em Eric. Sua mente estava a mil. Eric estava muito perto de solucionar um caso de grande porte. Um caso de crime organizado. Um dos mais famosos de São Paulo.

No térreo da delegacia, o movimento era bastante intenso. Entrando no elevador, Eric pensava consigo mesmo qual seria o seu próximo passo. E Hector inquieto disse a Eric:

— Estou louco para saber qual vai ser seu próximo passo. Não vejo a hora de colocar as minhas mãos naqueles bandidos.

E Eric com seu semblante sério e pensativo disse:

— Seja paciente detetive. Você terá essa chance.

Abrindo-se as portas do elevador para o piso do terceiro

andar, Eric e o detetive Hector foram andando em direção da sala do delegado. E em cada momento crescia mais ainda a determinação em Eric. E quanto mais determinação ele tinha mais as coisas ficavam fáceis. Principalmente o caso. Ah! Sim. Faltava muito pouco, muito, muito, muito pouco. Eric sabia disso. Seu sangue corria mais velozmente em suas artérias.

Abrindo a porta da sala do delegado, Eric entrou dizendo:

— Bom dia delegado. Desculpe entrar assim.

O delegado olhou para Eric e falou:

— Que isso meu jovem. Para entrar na minha sala você não precisa pedir. Entra mesmo. Sente-se fique à vontade.

— Obrigado delegado.

— Não por isso. E então, o que tem pra mim?

— Eu e Hector descobrimos um possível suspeito.

— Que maravilha! Vocês têm a descrição dele?

— Com certeza. Mas não diga nada a ninguém ainda.

— Maravilha! Não se preocupe ninguém ira saber antes de você autorizar. Tem minha palavra.

— Ótimo. É o que eu preciso.

Eric narrou tudo que havia descoberto no caso para o delegado Harter, que atentamente ouvia as palavras de Eric com o maior cuidado. O delegado não estava acreditando que estava começando a ficar tão perto de pegar os bandidos que ele caçou por dez anos. Tudo graças a Eric, que sem muito esforço, em pouco tempo estava desvendando o caso. E estava aproximando o dia tão esperado pelo delegado. O dia da prisão de uma das quadrilhas mais procuradas de São Paulo.

Impressionado com o trabalho genial de Eric, o delegado disse:

— Eric meu rapaz, você é fantástico!

— Não elogie só a mim. O detetive Hector também ajudou muito nesse caso.

— Não, claro que sim. Parabéns Hector, você também está fazendo um ótimo trabalho.

— Obrigado senhor. – disse Hector sentado ao lado de Eric.

O delegado curioso perguntou a Eric:

— Qual será seu próximo passo agora?

— Ir até a empresa do chaveiro. E dessa vez terá de ir mais uma pessoa junto, por questões de segurança.

— Certo. Vou mandar mais um detetive acompanhar vocês.

— É, mas depois. Agora é hora do almoço e eu estou com fome. – disse Eric.

O delegado olhando o relógio de seu pulso falou:

— Ó céus. Como a hora passa rápido. Tudo bem, pode ir meu jovem.

— Obrigado delegado. Até mais tarde.

Eric e Hector se levantaram e o delegado disse:

— Até mais tarde rapazes.

Eric e o detetive Hector deixaram a delegacia e foram rumo a um restaurante não muito caro que Eric conhecia. Os dois chegaram e entraram no restaurante, e saborearam um gostoso almoço de rodízio. Ao terem terminado, os dois ficaram alguns minutos dentro do restaurante conversando sobre vários assuntos. A cada minuto que se passava Eric Bruce e o detetive Hector se conheciam melhor, e a amizade entre eles aumentava.

Deixando o restaurante, Eric e o detetive Hector

retornaram para a delegacia. Já estando no terceiro andar, Eric e Hector voltaram para a sala do delegado Harter. Abrindo novamente a porta da sala do delegado Eric falou:

— Voltamos delegado. Eu e Hector vamos agir agora. Precisamos de mais um detetive para nos acompanhar.

— Está certo meu jovem, vou chamar um agora mesmo.

Pegando o telefone, o delegado Harter mais uma vez digitou uns números e falou com alguém na outra linha:

— Detetive Carlos, venha até minha sala agora.

Em uma demora exata de dois minutos, o detetive Carlos apareceu na sala do delegado dizendo:

— Estou aqui senhor.

O detetive Carlos, era um homem baixo, com altura de um e cinquenta, e andava sempre bem arrumado.

— Detetive, quero que acompanhe Eric e Hector em um lugar que eles vão fazer uma averiguação.

— Sim senhor.

— Podem ir agora.

Os três deixaram a sala e foram para o elevador. Ficando sozinhos no elevador o detetive Carlos curioso perguntou:

— E aí Eric? Vai dar um passo importante?

— Vou não. Nós vamos.

O detetive Carlos empolgado disse:

— Vai ser uma honra estar com vocês nessa averiguação.

— Porque diz isso detetive?

— Ah! Porque eu vou estar junto do garoto e do detetive que estão

investigando o caso mais importante da delegacia. Isso pra mim é uma honra.

Eric olhou com uma leve careta para o detetive Hector e voltou olhar para frente no mesmo instante. Eric não era muito de gostar de puxa sacos desse gênero. Isso meio que insultava a sua inteligência. Deixava-o de certa forma encabulado.

Os três entraram no carro de Hector, e saíram em rumo para algum lugar no centro da grande São Paulo. Hector olhando para Eric que estava do seu lado no banco da frente perguntou:

— E então qual é o endereço desse chaveiro?

Eric pegando o cartão que havia recebido do gerente, olhou e depois descreveu o destino. Hector sabendo mais ou menos onde era, fez caminho por uma avenida grande no centro de São Paulo. Hector foi conduzindo o veículo por lugares que Eric nunca havia visto na sua vida. Com trânsito bastante movimentado, milhares de pessoas andando nas calçadas. Uma loucura de lugar. Já saindo um pouco do centro, eles entraram num bairro já mais calmo. Eric avistando o nome da empresa do chaveiro logo à frente, disse a Hector:

— Lá está.

— Já vi. Vamos parar o carro alguns metros longe. Não queremos que desconfiem de nós.

— Tem razão. – disse Eric.

O detetive Hector encostou o carro em algum lugar longe da empresa e os três desceram do carro. Hector querendo proteger Eric disse:

— Não saia de perto mim.

— Fique tranquilo. Não sairei.

Então os três começaram a andar normalmente indo em



direção do local. Chegando lá, eles viram que era uma espécie de garagem, a qual foi adaptada para ser uma loja de chaves, e fabrica ao mesmo tempo. Entrando no recinto o detetive Hector fingindo ser uma pessoa comum, perguntou a um homem atrás de um balcão que continha as mesmas descrições que gerente do hipermercado havia dado:

— Olá, eu e meus amigos aqui queremos saber quanto você cobra para trocar uma fechadura?

— Bom ai depende da fechadura.

— Ah! Diga mais ou menos no geral quanto você cobra.

— Numa facha de quinze reais por fechadura.

— E você troca fechadura de carro?

— Troco, troco sim!

Hector olhou para Eric e o detetive Carlos, e os dois balançaram levemente a cabeça fazendo uma afirmação de sim. O detetive Hector pegando as algemas e a arma disse em voz alta:

— Você está preso, levante as mãos para o alto agora.

O homem levantando as mãos disse:

— Pera ai! O que foi que eu fiz?

O detetive Hector algemando o homem respondeu:

— Que tal a acusação de roubo de carros?

— Mas eu não fiz nada. Que roubo de carros? Vocês estão loucos?

— Não me interessa. Você virá pra delegacia conosco agora.

Levando o homem até o carro, Hector ia com o suspeito na frente e Carlos ficava na retaguarda, caso o suspeito tentasse algo. E Eric obviamente ficou atrás dos três. E para a felicidade de Eric, um suspeito já havia sido pego. E esse suspeito figurativamente era chave do caso. Que

iria levar e abrir a porta dos outros suspeitos.

## CAPITULO XIV

Em uma sala pequena, o suspeito estava sentado de frente para uma mesa vazia onde seu olhar se fixava em suas mãos algemadas. Sozinho o homem não movia um músculo da onde estava. O que fazia da sala ser um silêncio absoluto. Ao se passar exatamente meia hora, o delegado então entrou na sala junto com Eric Bruce e um policial fardado. Sentando ao lado oposto da mesa, de onde o suspeito estava o delegado jogou com toda sua força em cima da mesa um pequeno montante de papéis fazendo um barulho assustador, levando o suspeito a dar um levíssimo pulo na cadeira. Eric ficando de pé, apenas observava com seu semblante sério as coisas acontecerem. Pois ele não estava nenhum pouco preocupado com o que o delegado ia fazer ou perguntar. Eric nunca esteve tão frio em sua vida como estava naquele momento. Com seu olhar pensativo, ele encarava o suspeito sem temor algum. E o delegado Harter ajeitando a gravata em seu palito perguntou calmamente:

— Não me interessa se você vai dizer se você é inocente ou não nesse momento. Pois nós dois sabemos qual é a verdade. Então vamos conversar sem rodeios. Qual é o seu nome?

— Evandro.

— Evandro. Se você colaborar, eu disse se... Talvez eu converse com um advogado e faça-o conseguir com que você seja liberto com um habeas corpus. Então me diga. O que você prefere? Alguns longos anos na prisão, ou a liberdade condicional?

O suspeito olhando para o delegado respondeu:

— A liberdade senhor.

— Muito bom. Vejo que é um homem inteligente. Então vamos ao que interessa. – o delegado fez uma pausa olhando para o vazio da mesa e voltou a olhar o suspeito perguntando: — Há quanto tempo você rouba

carros Evandro?

O suspeito olhando para o delegado continuava no silêncio. E o delegado voltando a perguntar mais uma vez disse:

— Eu perguntei, há quanto tempo rouba carros?

O suspeito pensando um pouco, respondeu em seguida:

— Doze anos.

— Ótimo. Estamos fazendo progressos aqui. E quem mais está envolvido nesse crime organizado?

O suspeito voltou a ficar em silêncio. O delegado perdendo um pouco de sua paciência falou:

— Olha aqui rapaz, eu não estou de brincadeira. Eu tenho aqui em minhas mãos o relato de sua vida. Posso mandar você ir mofar na cadeia agora mesmo se não abrir o bico. Então comece a falar ou vamos passar para outro nível nessa conversa. E aí o que vai ser?

Vendo que o suspeito ia conservar-se no silêncio, Eric se aproximou do delegado Harter pela esquerda e falou em seu ouvido com um sussurro:

— Antes que você diga qualquer coisa, será que podemos ir lá fora conversar um instante?

O delegado virando levemente a cabeça para o lado esquerdo respondeu:

— Tudo bem. Vamos dar um tempinho a ele. Guarda vigie-o.

— Sim senhor.

Se levantando da cadeira, o delegado saiu da sala com Eric e encostou a porta dizendo:

— Diga meu rapaz, o que você quer?

— Se importa se eu ficar a sós com o suspeito e eu mesmo interroga-lo?

O detetive Hector se aproximando perguntou:

— O que houve aqui? Está tudo bem?

O delegado olhou para o detetive e respondeu:

— Não, está tudo bem sim. É que Eric está me pedindo para ficar a sós com o suspeito e interroga-lo.

— Ah! Deixe ele delegado. Ele tem se saído muito bem interrogando as testemunhas do caso. Por que não se sairia agora?

O delegado voltando olhar para Eric falou:

— Tudo bem. Pode ir, mas com uma condição.

— O que delegado? – perguntou Eric.

— Quero que fique com o policial lá dentro, está bem?

— Tudo bem delegado.

— Certo. Vai lá.

Eric abrindo novamente a porta da sala do interrogatório disse antes de entrar:

— Preparem-se para pegar aqueles bandidos. Pois é hoje que vamos achá-los.

E entrou na sala fechando a porta, deixando o delegado e o detetive olhando um para o outro, incrédulos com sua fala.

Após aproximadamente vinte e cinco minutos dentro daquela sala, Eric saiu com um leve sorriso no rosto. O delegado e o detetive inquietos e curiosos perguntaram a ele:

— E aí? Ele disse alguma coisa?

— Melhor do que dizer. Ele revelou todo o esquema e cúmplices.

O delegado Harter e o detetive Hector ainda inquietos e curiosos perguntaram:

— E o que ele disse? Onde estão os bandidos?

Eric ainda com seu leve sorriso respondeu:

— Vocês vão saber se acalmem. Antes quero que reúna todos os detetives desse andar agora. Pois não temos tempo a perder.

O delegado se empolgando e ficando sem paciência ao mesmo tempo falou em voz alta:

— Vou fazer isso agora mesmo. – o delegado olhando para o policial dentro da sala com o suspeito, disse: — Leve o suspeito para cela agora mesmo.

— Sim senhor, agora mesmo.

O delegado voltando olhar para Eric e o detetive disse:

— Estejam na sala de reuniões em quinze minutos.

Eric e Hector respondendo juntos disseram:

— Sim delegado.

O delegado saiu apressado para sua sala e Hector olhando para Eric perguntou:

— O que foi que você falou naquela sala que fez o suspeito contar tudo?

— Logo você saberá detetive, tenha paciência.

— Eu já disse que você é um cara muito esquisito?

— Já, já disse sim.

— Então vou dizer de novo. Você é um cara muito esquisito. Às vezes você me dá pavor sabia?

— Não. Mas, é bom saber disso. Sinto-me respeitado.

— Cara você é muito doido. É genial. Mas é doido.

— Fico grato pelo seu elogio.

Eric olhou para seu relógio e perguntou ao detetive:

— Posso usar seu telefone um instante? Preciso avisar minha mãe que vou precisar ficar mais duas horas.

— Claro! Vamos até minha mesa.

O detetive Hector foi acompanhando Eric até sua mesa. Antes de chegar à mesa de Hector, Eric viu o elevador se abrir e ficou maravilhado ao ver que eram seus amigos. Jorge, Juliana e Marcos. Um dos detetives do andar vendo aqueles três jovens entrando tentou impedi-los, proibindo-os de estar naquele andar. Eric indo para concertar a situação se aproximou do detetive e falou:

— Pare aí detetive. Eles estão comigo. São meus amigos.

— Desculpe Eric, mas é norma do prédio.

Eric e o detetive começaram a discutir. Hector tentava amenizar a situação, mas nem ele estava conseguindo. O delegado chegando perto daquela confusão disse:

— Detetive Juca. Pare imediatamente com o que está fazendo agora. Esses garotos são meus convidados.

— Mas senhor, as normas do prédio...

— Eu sou as normas do prédio. Será que não caiu a ficha ainda detetive?

— Desculpe senhor, não quis duvidar de sua autoridade. Desculpe meninos.

O delegado desculpando o detetive disse:

— Tudo bem Juca. Sei que você só quis fazer o seu trabalho. Mas,

não se preocupe, eles estão comigo agora. Está bem?

— Sim senhor, desculpe mais uma vez.

O detetive saiu para um lado qualquer e Eric olhou para seus amigos dizendo:

— Que bom que vocês vieram pessoal. Como é que vocês estão?

Juliana respondendo por todos disse:

— Estamos bem Eric, e você como está?

— Quase salvando a cidade de mais uma quadrilha. E agora que vocês vieram vai ficar mais fácil ainda.

Jorge com uma leve careta perguntou:

— Porque diz isso?

Eric dando seu leve sorriso respondeu:

— Porque somos nós quatro que vamos prender aqueles bandidos.

O detetive Hector, o delegado Harter e os amigos de Eric com uma cara de assombro perguntaram:

— Como assim?

— Porque vocês, serão a parte principal do meu plano.

## CAPITULO XV

O delegado Harter nunca havia contestado ou se indignado com Eric, ele o considerava praticamente como seu filho, mas dessa vez o delegado se enfureceu. Mesmo assim não foi motivo de ele falar em tom bravo com Eric:

— Isso é um absurdo. Eric meu jovem o que você está



dizendo? Que tem um plano para pegar os bandidos, e que esse plano é você e seus amigos que irão executar?

Com seu semblante sério e pensativo Eric respondeu:

— Exatamente. E tem um bom motivo para isso.

O delegado ainda incrédulo com as palavras de Eric falou:

— Eric meu rapaz, o que você está dizendo é uma loucura. Você já ajudou bastante até aqui, mas depois de nos contar onde fica o esconderijo dos bandidos eu e os policiais assumiremos daqui.

Eric olhando para o delegado sério disse:

— Exatamente. É por isso que eu e meus amigos vamos executar o plano.

Os amigos de Eric olhando para ele incrédulos também disseram:

— Como assim Eric? Não estamos entendendo.

— Se a polícia chegar perto do desmanche de carros, os bandidos logo vão se tocar que eles foram descobertos e vão fugir. É por isso que vamos fazer isso.

O delegado ainda indignado disse:

— Não, isso é um absurdo e dos grandes. Não vou permitir que vocês e seus amigos participem disso. Negativo. Pode esquecer.

Jorge olhando para Eric concordou dizendo:

— Ele tem razão. Não vou arriscar meu seguro de vida.

Juliana jogando seu sarcasmo em cima de Jorge disse arrogante:

— Cala boca Jorge, você nem tem seguro de vida.

O detetive Hector tentando amenizar a tensão falou:

— Calma pessoal. Vamos fazer o seguinte. Vamos para sala de reuniões agora, e discutimos isso melhor lá. Já estamos atrasados.

Concordando, o delegado Harter com seu sotaque russo perfeito disse:

— Hector tem razão, discutiremos melhor esse assunto na sala de reuniões. Vamos, todos já estão esperando.

Obedecendo ao delegado, todos foram juntos rumo à sala de reuniões. Ao entrarem na sala de reuniões junto com o detetive Hector e o delegado Harter, Eric e seus amigos viram que todos sussurravam na sala sem parar. Jorge, Juliana e Marcos não estavam entendendo nada do que estava acontecendo, mas Eric sabia muito bem do que se tratavam os murmúrios.

Enquanto Eric e seus amigos procuravam um lugar vazio na sala para se sentarem, o delegado Harter foi até o fundo da sala e ficou de frente para todos começando a falar:

— Silêncio pessoal, por favor. Quero a atenção de todos.

No mesmo instante todos ficaram em silêncio. E o delegado agradecendo disse:

— Obrigado. O assunto que vamos tratar nesse momento é de extrema importância. Pois se trata da quadrilha de assaltantes, como todos já sabem. E dessa vez não estamos aqui para falar sobre como vamos achar os bandidos, e sim como vamos pega-los. Senhores, senhoras. Estamos a um passo de pega-los, e tudo graças a uma pessoa que se encontra nessa sala e que todos já conhecem. O jovem que percebeu o que não percebemos. Eric Bruce.

Eric já sabendo o que devia fazer, se levantou e foi até o fundo da sala, parando logo em seguida ao lado do delegado dizendo:

— Bom pessoal, vou começar a falar sem cerimônia. Como todos já sabem, eu e o detetive Hector investigamos o caso. E a investigação teve a duração de dois dias apenas. Concluindo

que, o caso acaba de ser solucionado hoje. E que agora eu tenho todos os dados de toda a trama dos crimes, e de onde está o esconderijo desses criminosos. Que vou descrever em detalhes, a todos vocês nesse momento.

Fazendo uma pausa Eric tomou o fôlego necessário e começou a sua descrição:

— “Com base nos dados que vocês tinham nos relatórios, foi descrito que a contagem de cartões de quantidade de carros dos estacionamentos estava completa. O que de fato estava mesmo, pois vocês têm as evidências que provam isso. O que deixava esse caso confuso a vocês investigadores. Dando uma impressão de o carro não ter sido roubado e ao mesmo tempo ter desaparecido do nada. Como se fosse um truque de mágica. Tudo muito bem planejado.

Mas como todo truque de mágica, seu segredo uma hora é sempre revelado por alguém que enxerga além do truque executado. E que na verdade era um truque muito simples. Nos relatórios, os guardas relataram que o movimento de pessoas e carros, fora e dentro do estacionamento, antes e no dia do roubo, era normal, não houve nada suspeito. O que me fez deduzir que alguns deles estavam mentindo nesses relatórios. Mas, ainda não tinha certeza. Eu tinha que ir mais afundo nesse caso para descobrir. Vendo que se eu começasse a investigar por essa linha de raciocínio, seria uma tolice, pois eu poderia estar investigando por falsa acusação, mesmo não dizendo nada a vocês, e seria uma total perda de tempo, pois ainda ficaria muitos pontos sem sentido. O que me levou a outra linha de raciocínio. Os modelos dos carros roubados.

Como nós havíamos discutido no primeiro dia que estive aqui, carros de classe A são mais difíceis de serem roubados pelo fato de seus sistemas de segurança serem muito complexos. O que seria uma perda de tempo para os ladrões dentro de um estacionamento movimentado. Pois alguém iria notar alguma coisa. Então, eles optaram pelos carros de classe menor, por além de seus sistemas serem simples, é muito fácil torna-los falhos. Possibilitando um roubo mais fácil e prático. O que me fez deduzir

então, que haveria um chaveiro por perto no dia dos roubos. Então, eu e o detetive Hector fomos verificar isso em um dos locais que ocorreram esses crimes. E com a confirmação de um dos guardas do local aonde fomos, estávamos certos. Havia sim um chaveiro no dia de um dos roubos, que com certeza esteve nos outros. Agora cabia a mim e ao detetive investigar porque o chaveiro apareceu por lá e ninguém suspeitou de nada do gênero. Interrogamos o mesmo guarda e ele nos relatou que um dia antes de um dos assaltos, haviam entrado nos escritórios da administração e bagunçado tudo sem levar nada. E com um detalhe muito interessante, não houve arrombamento em nenhuma das portas dos escritórios da gerência do mercado. E que obviamente também aconteceu o mesmo nos outros locais dos crimes. Interrogamos o gerente para termos uma confirmação do que o guarda havia nos dito. E o gerente nos confirmou a mesma história. Levando-me a ter outra linha de raciocínio. Alguém que trabalhava lá dentro fazia parte da quadrilha e simulou tudo aquilo com apenas um propósito. Fazer com que o gerente acha-se que quem entrou lá tinha uma espécie de chave mestra, induzindo-o a contratar um chaveiro para trocar as fechaduras. E que obviamente a mesma pessoa que fez a simulação da invasão, recomendou ao gerente o chaveiro. Um detalhe importante, essas supostas 'invasões' ocorrem uma vez por mês, colocando no geral, em todos os locais. Concluindo que em cada mês os roubos acontecem em um lugar diferente. O que ajuda a confundir as investigações depois.

Então, eu e o detetive Hector pedimos ao gerente que nos descrevesse o perfil do chaveiro. Para que pudéssemos chegar até ele e descobrir se era mesmo um dos nossos homens procurados. Pois tivemos sorte, ao chegarmos ao chaveiro que o gerente nos descreveu, por um pequeno deslize dele, ele confessou que trocava fechaduras de carros. E aproveitando o fio da meada, o detetive Hector e o detetive Carlos prenderam o

chaveiro com o intuito de trazê-lo para delegacia e arrancar mais informações dele.

E agora vem a melhor parte. Eu mesmo interroguei o suspeito e fiz ele confessar todo esquema da quadrilha. Como eu consegui o fazer falar não importa, o que importa é que eu descobri que há muito mais gente envolvida nisso do que nós imaginávamos. Então o plano era esse:

Um dos homens da quadrilha arranjava um emprego como segurança do mercado ou shopping. Um dia antes de ocorrer um assalto, o ‘segurança’ contratado tinha a tarefa de trancar a salas dos escritórios da administração. E como ele sempre era o último a sair, ele bagunçava os escritórios e deixava todas as portas abertas depois para parecer que foi uma invasão. O gerente vê aquilo no dia seguinte e chama o ‘segurança’ para perguntar o que tinha ocorrido ali. O ‘segurança’ fingindo surpresa diz que não fazia a menor ideia de como aquilo aconteceu. Vendo que as portas não estão arrombadas, o gerente tem a ideia de que quem invadiu tinha uma chave mestra, como eu já havia dito. Então, o gerente pensa em chamar um chaveiro, e o ‘segurança’ sabendo disso recomenda um para ele. O gerente aceita a recomendação e contrata esse chaveiro. E no mesmo dia, o chaveiro aparece por lá. E agora vem a parte crucial do plano. Após o chaveiro ter trocado todas as fechaduras, ele vai para o estacionamento e inicia sua parte no plano. Ele escolhe um carro não muito visível e de classe baixa, iniciando o processo depois de abrir a fechadura do carro usando todas as chaves, do modelo, que ele tem. Uma das chaves abre o carro, o chaveiro entra e rapidamente e desliga o alarme antes que dispare. Ele liga o carro e estaciona-o em outra vaga vazia próximo a sua vã de trabalho. Ao estacionar, ele retira as placas do carro e troca por outras, para que depois o dono não consiga identifica-lo. Depois de fazer isso o chaveiro faz duas ligações pelo celular. Uma para avisar o colega que está dentro do mercado ou shopping, e vir buscar o carro. A outra para avisar um dos guardas da guarita, que também faz parte do esquema, que está tudo pronto. O chaveiro informa o número da placa para o guarda, e esse já fica preparado para deixar passar o carro informado sem que haja uma devolução de cartão. Por isso todos os

cartões estavam completos. Após o roubo ocorrido, o dono do carro aparece na vaga em que havia estacionado e vê que seu veículo não está mais lá, e nem em lugar nenhum do local. Desesperado o dono chama a polícia e é feita a ocorrência. E então, é mais um roubo executado com sucesso. Lembrando que todos esses roubos foram praticados da mesma forma em todos os locais investigados, e que ocorriam uma vez a cada dois meses em cada local. Resumindo, um ciclo de assaltos.”

O delegado e todos que estavam na sala, olhavam Eric assombrados com tal descrição. Ninguém naquele departamento, nunca havia feito uma descrição com tantos detalhes como Eric fez. Era algo extraordinário. E um dos detetives que estava louco para dizer algo, disse:

— Garoto eu acho que você não é desse planeta. Você deve ser um alienígena que tomou uma forma humana.

O delegado repreendendo disse:

— Não exagera detetive. Eric é apenas um garoto genial que usou sua sabedoria para o bem.

— Desculpe delegado, não disse com a intenção de ofendê-lo.

— Acho bom mesmo. Pois ele fez um ótimo trabalho, mesmo ele sendo um garoto. Ele descobriu em dois dias o que vocês levaram dez anos para achar um início. Então senhoras e senhores, mais respeito com esse garoto. E que tudo o que ele fez nesses dois dias seja confidencial. Pois a sociedade não merece conhece-lo. Estamos entendidos?

Uma detetive no meio da sala respondeu por todos:

— Sim senhor. Acho que todos nós sabemos qual seria a consequência se revelássemos como Eric realmente é. Um garoto especial. Então para que todos confirmem que estamos de acordo,

vamos aplaudir Eric.

E no mesmo instante todos na sala começaram aplaudir Eric. Jorge, Juliana e Marcos aplaudiam com gosto para seu amigo que estava lá na frente. Os três se sentiam realizados em ter um amigo como Eric. E Eric mais uma vez se sentiu muito feliz com tudo aquilo. Mais um momento que ia ficar na memória de Eric.

No encerramento dos aplausos o delegado Harter olhou para Eric com um sorriso e falou:

- Meus parabéns Eric. Você foi mesmo brilhante.
- Obrigado delegado. Fico agradecido a todos vocês.
- Não Eric, nós é que agradecemos pela sua ajuda.
- Tudo pelo bem de todos.

O delegado aproveitando o assunto que ainda estava em andamento perguntou a Eric:

— Agora que nos revelou todo plano, só restou uma coisa a ser revelada. Onde fica a localização dos criminosos?

Todos olharam para Eric com semblantes de curiosidade. Mas Eric voltando ao seu semblante sério e pensativo respondeu:

— Eu sinto muito delegado, mas isso só vou revelar amanhã. Já passou da hora de eu estar em casa com minha mãe.

Incrédulo com o que acabaste de ouvir, o delegado Harter perguntou a Eric:

- Como é? Porque amanhã?
- Porque vocês ainda não podem saber da localização dos criminosos.
- E porque não podemos?
- Porque fracassaríamos em pega-los. Não estão estrategicamente

preparados.

Todos não acreditaram no que Eric havia acabado de dizer. Ficaram sem palavras. E um dos detetives com tom de muita indignação disse ao delegado e a Eric:

— Agora ele passou dos limites. Sinto muito. Olha garoto obrigado pela ajuda e tudo mais, mas agora nós assumiremos daqui. Delegado pode deixar que eu faço aquele suspeito abrir o bico de novo. Não vamos precisar mais desse garoto mesmo.

Eric dando uma leve risada disse ao detetive:

— Não vai conseguir. Nem que você falasse a ele que o levaria para a cadeira elétrica, ele não ia te contar e nem a ninguém desse andar.

— Aé, e porque ele não falaria? Por acaso você hipnotizou ele?

— Não, fiz melhor do que isso.

— É mesmo. E como você fez então?

— O convenci a revelar tudo no meu ouvido e só a mim, com maior tranquilidade. Como eu fiz, eu não vou revelar.

O delegado olhou para Eric com um semblante de dúvida e perguntou:

— Como o policial que estava lá permitiu você fazer isso?

— Porque eu disse a ele que você me autorizou a interrogar o suspeito como eu quisesse. E ele aceitou numa boa.

Em vez de o delegado Harter ter ficado furioso com a atitude de Eric, ele olhou para ele e deu uma risada dizendo:

— Você é mesmo um malandro seu danado. Muito esperto da sua parte.

— Obrigado. Mas foi necessário fazer isso. Se vocês



querem pegar aqueles bandidos, vão precisar de mim. Eu só peço que tenham um pouco de paciência até amanhã. Está bem?

Vendo que não havia outra saída o delegado Harter respondeu:

— Está bem meu rapaz. Aguardaremos até amanhã. Mas só até amanhã.

— Não se preocupe delegado. Amanhã você estará saboreando a prisão daqueles marginais.

— Está bem então. — ao se virar, o delegado olhou todos na sala e disse: — Estejam todos aqui amanhã às onze da manhã. Reunião encerrada.

Todos começaram conversar e sair da sala. Jorge, Juliana e Marcos foram ao encontro de Eric, e Eric mais uma vez feliz por vê-los disse aos três:

— Que bom que vocês estão aqui. Senti muito a falta de vocês. Vocês são meus melhores amigos.

Marcos retribuindo a fala de Eric por todos disse:

— É pra isso que servem os amigos. Para apoiar.

Jorge satirizando suas manias de rico disse:

— E pra emprestar dinheiro também.

Com a frase de Jorge os quatro e o delegado riram juntos.

Marcos mais uma vez dizendo por todos disse:

— Eric nós estivemos discutindo juntos sobre a possibilidade de participarmos do seu plano, e chegamos a uma conclusão. Como os amigos servem para apoiar os outros amigos, nós decidimos que vamos querer fazer parte dele. Pode contar com a gente.

Eric feliz com a resposta disse:

— Obrigado pessoal. Prometo a vocês que será seguro.

— Acreditamos em você. — disse Juliana.

Mas o delegado ouvindo aquilo disse em tom de discordância aos meninos:

— Desculpe meninos, mas não permitirei isso. Eric o que você deve estar pensando em fazer é loucura. É muito perigoso.

— Eu sei que para você parece perigoso delegado, e o faz ter peso de consciência. Mas se não fizermos do meu jeito, você e seus detetives poderão demorar mais alguns anos para acha-los de novo. Confie em mim delegado, eu garanto que meu plano será seguro. E não se preocupe vocês não vão ficar muito longe da gente. Confie em mim delegado.

O delegado pensou um pouco antes de dizer algo. E decidindo-se então, o delegado disse:

— Está bem. Se você teve a capacidade de acha-los, sei que terá de pega-los.

— Obrigado delegado.

— Mas, estou confiando em você Eric. Não me decepcione. É melhor que esse seu plano seja bom.

— Não irá se decepcionar. Eu garanto. E mais uma coisa.

— O que?

— A imprensa não pode saber em hipótese alguma que vocês acharam a quadrilha. Entendeu?

— Por quê?

— Para não atrapalharem no plano.

— Tudo bem, farei isso. Agora vamos. Vou levar vocês para casa.

E os cinco deixaram a sala.

## CAPITULO XVI

Já passava das dez, quando Eric estava em seu quarto sentado na frente da mesa de seu computador desmontando o seu relógio. Eric estava determinado em fazer com que seu relógio tivesse mais uma tecnologia além do projetor holográfico. Uma tecnologia capaz de mostrar imagens através de paredes sólidas. Um tipo de raios-X mais avançado que os atuais. Pois essa função nova que Eric adicionava em seu relógio fazia parte de seu plano para capturar os bandidos.

Se passado vinte minutos o relógio estava pronto. Eric era o único garoto na Terra, no momento, que poderia desenvolver um relógio de tal porte de tecnologia em tão pouco tempo.

Olhando para seu relógio, Eric pensou consigo mesmo: “*Os dias daqueles criminosos estão contados. Pois eu sou Eric Bruce.*” Recolhendo-se em seguida para sua cama. Pois Eric sabia que ia precisar de uma boa noite de sono.

[...]

Guardando uma pasta em uma das gavetas da mesa, o delegado Harter estava imerso em seus pensamentos. Ao fechar a gaveta ele olhou para seu relógio de pulso e viu que passava das onze horas da noite. Seu turno estava longe de acabar. Abrindo a porta de sua sala o detetive Hector pediu licença para entrar. O delegado fazendo um sinal com a mão concedeu a licença. O detetive se sentando em uma das cadeiras vazias que ficava de frente para a mesa do delegado, perguntou:

— Senhor está tudo bem?

— Sim Hector está. Só estou ansioso com o dia de amanhã.

— É. Acho que todos estão. Ninguém parou de falar no assunto desde que saíram daquela sala de reuniões. Eric é um garoto entanto.

— É verdade. Aquele malandro sabe conduzir uma situação sem esforço.

— Sabe. Quando eu ficar velho e já tiver filhos, vou contar a eles que trabalhei com um garoto de dezesseis anos que solucionou um caso sozinho.

— É. Uma história entanto para contar.

Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes, e o delegado Harter falou:

— Amanhã teremos um dia cheio.

— É teremos sim. Amanhã será um dia que ficará na história dessa delegacia.

Aproveitando o assunto o delegado Harter perguntou:

— As viaturas estão prontas para amanhã?

— Sim senhor, estão.

— Ótimo. Esteja preparado detetive.

— Eu estarei senhor.

[...]

Abrindo os olhos lentamente, Eric olhou para seu despertador. Era 10:25. E mais uma vez ele viu que havia acordado cinco minutos antes de seu relógio tocar o despertador. Não tendo mais vontade de ficar deitado, Eric se levantou e foi em direção do banheiro, que ficava ao lado de seu quarto.

Bocejando, Eric descia as escadas lentamente. Ao descer o último degrau, Eric viu mais uma vez sua mãe preparando a mesa para seu café. Eric se sentia feliz por ter uma mãe como aquela, que levantava antes dele, preparava seu café, que fazia tudo por ele. E se dependesse de Eric, ninguém faria mal a sua mãe. Olhando para ela afetuosamente Eric falou:

— Bom dia mãe!

— Bom dia querido!

— Só vou tomar o meu café e vou me arrumar, por que o detetive Hector virá me buscar daqui a pouco.

— Está bem querido. Como vai a coisa com o caso?

Eric se lembrando que não podia revelar a sua mãe que ia pegar os bandidos contornou dizendo:

— Estamos chegando perto de descobrir um suspeito.

— Que bom querido. Está se cuidando direitinho?

— Sim estou. E eles também estão cuidando direitinho de mim, não se preocupe.

— Tá bem querido. Acredito em você.

Eric teve um leve peso em sua consciência, mas ele sabia que não podia contar nada relativo ao seu plano de captura dos bandidos. Eric para não entrar mais no assunto tomou seu café e foi direto para seu quarto se arrumar.

Quinze minutos depois, o carro do detetive Hector chegou à frente

da casa de Eric. Ouvindo a buzina, Eric desceu correndo as escadas e disse a sua mãe:

— Até mais tarde mãe.

— Até mais tarde querido. Se cuida!

Eric entrou no carro de Hector e com seu semblante sério perguntou a ele:

— Bom dia Hector. Está preparado para o grande momento?

O detetive Hector respondendo com animo disse:

— Com certeza capitão. Vamos botar pra quebrar.

— Ótimo. Então vamos passar nas casas de meus amigos antes de irmos para a delegacia.

— Por quê?

— Porque eles vão fazer parte do meu plano.

— O delegado autorizou?

— Sim, autorizou.

— Tudo bem. Você é quem manda capitão.

Hector ligou o carro e saiu indo em rumo às casas dos amigos de Eric.

Após Hector ter pegado os amigos de Eric em suas casas, no caminho para delegacia Eric perguntou aos três:

— Receberam minha mensagem ontem de noite?

Juliana respondendo por todos disse:

— Sim Eric. Nossos pais pensam que o detetive Hector nos convidou para um dia inteiro de passeio, eles nem sabiam que Hector era da polícia.

Hector ao ouvir aquilo ficou assombrado e disse a Eric:

— Vocês fizeram isso sem me contar? Eu não acredito. Eric às vezes você me dá medo.

— Fique tranquilo Hector, tudo faz parte do plano.

Jorge suspirando disse:

— Ainda bem que hoje é sábado, não precisamos ir pro colégio.

Parando o carro no estacionamento do distrito da polícia, Hector desligou o carro e todos desceram indo em direção do prédio. Eric contava os minutos para o momento da operação. Seus amigos, mesmo o apoiando, estavam nervosos com a situação. Eles nunca imaginaram que um dia estariam participando de um plano de captura de ladrões. Ainda mais planejado pelo seu melhor amigo, Eric Bruce. Para eles aquele era o acontecimento mais estranho de suas vidas.

Parando no terceiro andar, as portas do elevador se abriram e os cinco saíram caminhando rumo à sala de reuniões. Eles entraram na sala e procuraram um lugar para se sentar. Havia murmúrios por todos os lados entre os detetives. E o delegado vendo que os cinco haviam chegado, pediu silêncio a todos dizendo:

— Muito bem pessoal. Chegou o grande momento de Eric nos contar a localização da quadrilha. E também o seu plano para captura-los. Então, Eric, por favor, venha à frente da sala e nos descreva o que sabe.

Eric se levantou de onde estava e fez o que o delegado pediu. Ficando de frente para todos na sala, Eric começou a falar:

— Bom dia pessoal. Sei que todos estão ansiosos para saber todos os detalhes sobre a localização dos bandidos. Então serei o mais breve possível. — Eric fez uma breve pausa e iniciou sua descrição: — O lugar onde os criminosos levam os carros após roubá-los fica a quarenta minutos daqui. É um ferro velho extremamente fechado, e não dá pra ver o que há dentro dele pelo lado de fora. Por isso vou dizer qual é meu plano:

“Eu e meus amigos vamos nos posicionar próximo do portão principal do ferro velho. Vocês deverão ficar num perímetro de trezentos metros longe preparados para invadir e prender todo mundo. Mas, não antes de eu dar o meu sinal. Até lá ninguém deverá mover um músculo do corpo. Meus amigos deverão ter um rádio cada um. Preciso que eles vigiem toda a rua, pois eu me aproximarei do portão do ferro velho, e vou verificar quantos deles há lá dentro...”

Um detetive interrompendo Eric perguntou:

— E como você irá verificar quantos deles há lá dentro, se você mesmo disse que não dá para ver nada do lado de fora?

Eric mostrando seu pulso apontou para o relógio que estava nele e falou:

— Estão vendo esse relógio? Eu o desenvolvi. Desenvolvi-o com o intuito de me salvar de armadilhas e emboscadas perigosas. Ele possui duas funções adicionais além de ser um relógio. A primeira faz com que ele mostre uma imagem física falsa minha. — apontando para um lado vazio, Eric ligou o holograma que fez surgir uma imagem de sua mesma pessoa, dando a impressão de ele ter um clone. Todos ficaram espantados. Prossequindo sua fala Eric disse: — Uso essa função com o propósito de ver o que há na frente sem eu estar lá para ver. Pois se tiver uma emboscada, quem for me ferir, estará ferindo a minha imagem falsa. A segunda função tem o propósito de mostrar o que há atrás de paredes sólidas. — ligando uma espécie de lanterna, Eric apontou para uma parede do seu lado esquerdo. Abrindo uma espécie de buraco, a luz mostrava o que havia atrás da parede. E todos olhando na direção da parede viram que do outro lado havia uma sala de escritório. Assombrados com aquilo olharam para Eric com certo temor. Eric percebendo isso prossequiu: — Não tenham medo de mim, não sou um mago. Só desenvolvi uma tecnologia nova como todo o cientista faz. Mas por favor, peço que não



contem a ninguém sobre esse relógio, eu o fiz apenas para mim. – desligando a função do relógio Eric prosseguiu: — É desse modo que eu irei ver quantos deles há dentro daquele ferro velho. E após eu fazer isso, vou entrar sozinho e cerca-los dando em seguida o meu sinal. Para que o sinal seja dado, precisarei de um sinalizador. Ao verem o sinal, vocês entram e eles serão todos seus. Entenderam?

A sala estava num silêncio profundo, todos estavam mais uma vez sem palavras. A pergunta era clara, mas havia uma dificuldade em responde-la. O delegado Harter esforçando-se com seu sotaque russo em responder à pergunta por todos, disse em tom de seriedade:

— Entender, nós entendemos meu jovem. Só estamos um pouco assombrados com sua descrição e demonstração. A cada dia que você está conosco é sempre uma surpresa para nós o que você é capaz de fazer.

— Desculpe. Minha intenção não era essa. Sinto muito.

— Não Eric, não peça desculpas. Nós entendemos você. E agora que você nos demonstrou o que é capaz de fazer, temos certeza que seu plano vai dar certo. Então, é você que irá dar as ordens nessa operação.

Eric suspirando disse ao delegado:

— Obrigado pela confiança delegado.

O delegado sorrindo para Eric perguntou:

— E como vai se chamar a operação?

Eric dando um leve sorriso respondeu:

— Eu chamo de operação quatro rodas.

— Há mais alguma coisa a ser colocada? – perguntou o delegado.

— Sim, mais uma coisa.

— Exponha meu jovem.

— Vamos pega-los.

O delegado sorrindo olhou para todos e falou empolgado:

— Vocês ouviram, ao trabalho.

## CAPITULO XVII

Era 11:30 da manhã, quando encostando o carro em algum lugar próximo ao ferro velho o detetive Hector perguntou aos amigos de Eric:

— Vocês estão com seus rádios?

Todos responderam que sim. Olhando para Eric o detetive Hector perguntou:

— Você está pronto?

— Sim estou.

— Trouxe o relógio?

— Não exagera detetive. É lógico que eu trouxe.

— Tem razão. Pergunta idiota.

— Tudo bem, você está nervoso.

Pegando algo debaixo do banco o detetive Hector falou:

— Aqui está o sinalizador. Acho que você deve saber muito bem como se usa essa coisa. E para garantir uma bala extra.

Pegando o sinalizador Eric falou:

— Ótimo. Vamos começar.

Dando sua última palavra o detetive disse:

— Tomem cuidado meninos.

Eric também dando sua última palavra disse:

— Fiquem preparados. Pois isso não vai demorar.

— Estaremos. – disse o detetive Hector.

Então Eric e seus amigos desceram do carro. Ao se afastarem um

pouco do carro o detetive Hector saiu. E Eric se virando para seus amigos disse:

— Muito bem. Estamos a duzentos passos do local. Vamos lá!

Os quatro saíram andando em direção do ferro velho. Eric sentia seu coração pulsar. Jorge seu corpo tremer. Juliana um leve temor, mas confiante. E Marcos sentia-se em uma grande aventura. Tudo estava começando a ficar emocionante. A determinação crescia nos quatro a cada instante. E Eric por mais estranho que parecesse, sentia-se muito bem com tudo aquilo.

Aproximando-se do ferro velho, Eric e seus amigos pararam, e Eric começou a falar:

— Chegamos. Vamos iniciar a nossa parte no plano. A única coisa que vou precisar de vocês três é que distraiam as pessoas para bem longe desse lugar. Espalhem-se para lados diferentes e criem situações que chamem a atenção das pessoas ao redor. Pois haverá tiroteio hoje.

Jorge esbugalhando seus olhos perguntou assombrado:

— O quê? Você ta maluco? Você pode morrer Eric.

— É pra isso que criei esse relógio Jorge, lembra? – perguntou Eric com seu semblante sério.

— Ta, desculpe. Mas toma cuidado mesmo assim.

— Ta, pode deixar Jorge.

Juliana mostrando o rádio perguntou:

— Para que o rádio Eric?

— Para avisarem um ao outro, e a mim que todos da rua estão seguros.

— Ta entendi!

— Muito bem pessoal, vamos ao trabalho.

Jorge, Juliana e Marcos se espalharam. Eric ligando seu rádio foi encostar-se em um muro atrás de si, para aguardar o momento de agir.

[...]

Dentro de uma das viaturas, o delegado Harter suava de preocupação. Vendo pelo vidro o carro de Hector estacionar, o delegado desceu da viatura e foi em direção de Hector para perguntar:

— Como eles estão? Você fez tudo certinho?

— Calma senhor, eles estão bem. E sei que vão conseguir fazer tudo sem se machucar.

— Eu espero detetive. Tomara que Eric não vá fazer nenhuma bobagem. Porque que eu fui concordar com ele? Eu devia ter dito só não e acabo. Onde eu estava com a cabeça?

— Vai ficar tudo bem delegado. Você viu do que Eric é capaz. É mais fácil ele ser o cara perigoso, do que os próprios criminosos.

— Assim espero detetive. Vamos ficar atentos.

[...]

Passando-se vinte minutos, Eric ouviu a voz de Juliana pelo rádio:

— Está tudo pronto Eric. Agora é com você. Cambio.

Eric dando um leve sorriso respondeu:

— Entendido. Cambio.

Ajustando seu relógio, Eric foi em direção do portão principal do ferro velho. Ligando a função dos raios-X avançado, Eric fez uma varredura de quantos haviam lá dentro. O lugar não era muito grande. Eric via todos lá dentro. Após ter contado todos eles, Eric falou pelo rádio:

— Juliana, avise o delegado que são vinte homens. E diga a ele para se prepararem para o sinal. Cambio.

— Entendido Eric. Cambio.

Iniciando sua parte no plano, Eric procurava um lado do muro para pular. Achando um lugar mais ou menos fácil de pular, Eric não perdeu tempo. Dando um pulo suficiente para agarrar as bordas do muro, Eric fez força para levantar seu corpo até o alto. Ajeitando seu corpo, Eric se jogou caindo para o lado de dentro. Ninguém o viu. Eric carregou o sinalizador e começou a andar desejando que alguém o visse.

Não demorando muito, um homem de cabelos escuros e macacão viu Eric e gritou para ele:

— Ei! Você aí. Pare onde está agora mesmo.

Ouvindo o que queria ouvir, Eric começou a correr. Começou a haver gritos de todos os lados. Enquanto corria, Eric ajustou seu relógio e seu holograma surgiu. Então começou correria para todos os lados. Armados os bandidos gritavam:

— Lá está ele, matem-no.

Um dos bandidos vendo Eric numa distância boa para atirar, atirou. Acertando Eric, o bandido se assustou ao ver que aquela imagem no mesmo instante desapareceu. E a correria

dentro do ferro velho continuava. Houve tiros para todos os lados, e ninguém acertava Eric. Ele corria dando risada.

Após quinze minutos de tanta correria, Eric ficou cercado. Os bandidos se aproximavam devagar, e um deles ia falando:

— Você acha que pode brincar com a gente seu moleque? Vamos apagar você por isso. Aí manos, vamo enche ele de bala.

Sem piedade, os bandidos apontaram suas armas para Eric que se afastando, ficava encurralado cada vez mais. Os bandidos vendo que Eric não tinha mais saída começaram a disparar suas armas. Foi um fuzilamento total.

Ao cessar fogo, os bandidos abaixaram suas armas olhando para Eric no chão. Assombrados e horrorizados, eles viram Eric se levantar e começar a rir deles, desaparecendo lentamente no mesmo instante. Ouvindo do outro lado do ferro velho um barulho de disparo, os bandidos olharam para o céu e viram uma luz vermelha subindo. Dois minutos depois, o portão principal foi arrombado e vinte homens da polícia invadiram a área rendendo todos. Dois tentaram fugir pelo muro, mas logo foram interceptados.

Olhando para os bandidos algemados dentro do ferro velho, o delegado Harter com seu sotaque russo falou:

— Pensaram que iam se safar, né seus burros? Vocês já eram. Levem todos daqui.

Os policiais respondendo, disseram:

— Sim senhor.

Vendo Eric encostado em um carro destroçado com um leve sorriso na cara, o delegado Harter se aproximou e disse:

— Bom trabalho Eric. Você está bem?

— Estou ótimo delegado. Isso foi muito divertido.

— Quem bom que não se feriu. Ainda sim tinha ficado muito preocupado.

— Meu relógio fez o trabalho.

— Ainda bem que sua mãe não sabe disso. Acho que ela teria um enfarto.

Ainda com um leve sorriso na cara, Eric disse olhando para o vazio:

— Depois eu conto a ela que descobri e contei pra vocês onde estavam os bandidos, e que vocês fizeram seu trabalho. Ela vai acreditar.

— Eu espero que sim.

Enquanto o delegado e Eric conversavam, seus amigos se aproximaram, e Jorge falou:

— Nossa parece que houve uma guerra aqui!

Juliana olhando para Eric perguntou:

— Você está bem Eric?

— Estou ótimo. Saiu tudo como foi planejado.

— Fiquei muito preocupada.

Eric percebia algo diferente em Juliana, mas não tinha certeza. Se virando para Marcos, Eric deu um leve sorriso e falou:

— Quem diria, não é Marcos? Eu e você capturando bandidos.

— É. Uma coisa totalmente fora do real. Mas foi divertido.

— Nisso você tem razão.

Jorge cortando o assunto deles disse:

— Será que já podemos ir almoçar? Combater o crime me



deu fome.

O delegado respondendo a pergunta de Jorge, disse com animo:

— Claro que sim! Além do mais, vocês merecem um almoço inteiramente pago por mim.

— Oba! Maravilha! – disse Jorge se animando.

O detetive também se aproximando dos cinco disse ao delegado:

— Delegado, os bandidos já foram colocados no camburão. O que devo fazer?

— Cuide do resto Hector. Vou levar esses pequenos heróis para um almoço.

Sorrindo, o detetive Hector disse:

— Sim senhor, agora mesmo. E... Bom trabalho meninos, vocês foram fantásticos.

Os quatro agradeceram ao detetive.

— Eric, foi um prazer trabalhar com você. A gente se vê por aí. – disse o detetive com um sorriso convidativo.

— Obrigado detetive. Também foi um prazer trabalhar com você.

— Então até logo meninos. A gente se encontra por aí.

Os quatro falando quase ao mesmo tempo, disseram:

— Até logo detetive.

O detetive se retirou e o delegado falou em seguida:

— Então, vamos rapaziada?

Todos respondendo junto disseram:

— Vamos!

Os cinco deixaram o ferro velho e foram para o carro do delegado.

Depois de quinze minutos de viagem, o delegado estacionou o carro no estacionamento do restaurante onde Eric e ele já estiveram. O mesmo restaurante onde discutiram sobre o caso do computador roubado. E enquanto eles desciam do carro, Eric ia pensando consigo mesmo: *“Mais um problema resolvido por Eric Bruce.”* Foi uma semana entanto para Eric. E um dia inesquecível para seus amigos.

E Jorge muito animado de estar em um restaurante, com suas manias de rico disse:

— Acho que vou pedir um vinho italiano caro para acompanhar a refeição.

Juliana sarcástica perguntou:

— E por acaso o senhor Jorge Gibson, tem idade suficiente para degustar tal bebida?

— Não. Eu to brincando, vou pedir mesmo um suco de uva bem gelado.

E todos riram juntos com a fala de Jorge.

Antes de todos entrarem no restaurante Eric teve um último pensamento: *“Hoje foi apenas mais um dia de complicações. Mas, esse só foi um início de uma grande jornada. Pois o futuro que me aguarda, estará sempre cheio de complicações. E eu estarei preparado. Porque eu sou Eric Bruce.”*

## FINAL EXTRA

Abrindo a porta, um homem entrou em uma sala com pouca luminosidade. No fundo da sala, havia uma mesa antiga de mogno e uma poltrona vermelha virada para uma janela grande que deixava a luz do por do sol entrar. Com voz suave e misteriosa, alguém que estava sentado na poltrona atrás da mesa perguntou:

— Você o encontrou?

— Sim senhor. Foi mais fácil do que eu pensei.

— E como é sua capacidade de pensar?

— Resumindo. Ele é um gênio senhor.

— Sabe Hector, eu sempre achei que não encontraria alguém que fosse como eu. Mas estava enganado quando descobri que um garoto sobreviveu em um acidente de grande porte em uma hidrelétrica. Um acidente que em vez de ter matado ele, transformou-o no que ele é agora. Assim como aconteceu comigo.

— Você também sofreu um senhor? Antes de ser o que é agora?

— Sim Hector. Mas não foi em uma hidrelétrica. Foi em uma indústria química. O que não tem muita importância agora.

— E como ninguém ficou sabendo do acidente na época?

— Porque eu evitei a imprensa Hector meu caro. Meus pais na época não quiseram causar escândalo. Assim como a mãe daquele garoto também não quis.

— É por isso que poucas pessoas sabem que você existe, assim como aquele garoto?

— Exatamente meu caro Hector.

— E por que você e ele não querem se expor?

— Porque o mundo lá fora é perigoso meu caro Hector. Seríamos tratados como aberrações na sociedade.

— Entendo. E o que o senhor quer que eu faça?

Surgindo uma mão do lado direito da poltrona a voz suave e misteriosa disse fazendo um sinal:

— Traga-o até mim. Pois eu e o jovem Eric Bruce teremos uma conversa.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura





Centro  
**Passo Fundo**  
Associação Cultural

Portal

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre